

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Bacharelado em Jornalismo

Mariana Lima Dionisio

#BAILAVINIJR:

Análise das coberturas jornalísticas do caso de racismo nos portais ge.globo e Marca

Porto Alegre
2024

Mariana Lima Dionisio

#BAILAVINIJR:

Análise das coberturas jornalísticas do caso de racismo nos portais ge.globo e Marca

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Jornalismo como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de Deus

Porto Alegre
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Dionisio, Mariana Lima
#BAILAVINIJR: Análise das coberturas jornalísticas
do caso de racismo nos portais ge.globo e Marca /
Mariana Lima Dionisio. -- 2024.
81 f.
Orientadora: Sandra de Fátima Batista de Deus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Vinicius Júnior. 2. racismo. 3. futebol. 4.
jornalismo esportivo. 5. Brasil x Espanha. I. de Deus,
Sandra de Fátima Batista, orient. II. Título.

Mariana Lima Dionisio

#BAILAVINIJR:

Análise das coberturas jornalísticas do caso de racismo nos portais ge.globo e Marca

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Jornalismo como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de Deus

Aprovado em: 16 de agosto de 2024

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.^a Sandra de Deus – UFRGS
Orientadora

Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas – UFRGS
Examinador

Me. João Paulo Jobim Fontoura
Examinador

À Mariana de 2013.

AGRADECIMENTOS

Entre as linhas deste trabalho, há uma história de muito esforço, dedicação e aprendizado. História essa que, cronologicamente, pode-se dizer, começa com o meu avô Rogério. Para além de todas as obviedades genéticas, ele é o início do que me trouxe até aqui. Muita paixão pelo futebol, seja nos domingos ensolarados às 16h, seja nas quartas-feiras frias em uma noite de agosto. Tudo isso sempre junto da minha avó, do meu pai, de mim, da minha irmã e dos meus primos. E esse apego enorme pelo esporte das quatro linhas me fez alguém que desejou trabalhar com ele em uma jornada de oito horas diárias, para além de vivê-lo nas outras 16 restantes.

Eu tinha 12 anos quando decidi cursar jornalismo. Lembro-me, como se fosse hoje, do momento no qual, assistindo ao programa “Os Donos da Bola RS”, pensei querer aquilo como ofício. Aqueles debates diários, aquelas reflexões. Era um momento no qual tudo parecia muito mais fácil do que é, mas também bem menos empolgante. Dessa decisão em diante, minha vida pareceu fazer sentido. E, aparentemente, era uma sensação que pertencia a todos a minha volta. O apoio da família e dos amigos sempre foi incondicional para que meu sonho de ser jornalista esportiva se tornasse realidade.

Destaco fielmente a minha mãe neste papel de suporte, não somente psicológico e financeiro, como também temporal. Incontáveis foram as horas que ela dedicou a me esperar nas paradas de ônibus, sob o sol, a chuva ou o frio. Tudo isso com muita confiança de que um dia eu me formasse na UFRGS, independentemente do curso. Muito do que ela fez na vida foi pensando no melhor para mim e para os meus irmãos. Então, assim como eu mesma, este trabalho tem muito dela, e do orgulho que ela carrega juntamente às duas mulheres que nos cuidam lá de cima: a avó Lígia e a bisá Alfredina.

Ao meu pai, toda a graça das discussões futebolísticas- com muitas baboseiras, principalmente. E, claro, dos jogos mais sem sentido que já assistimos juntos. À minha avó Ana Nilza, o carinho pelo cuidado da infância e também pela semelhança física, por que não? E à professora Sandra, minha orientadora, o afeto eterno de uma fã.

Àqueles que compartilharam comigo esta história, deixo aqui registrado meu mais sincero agradecimento.

E para a Mariana de 12 anos, a garantia de que deu certo.

“Deixa o menino jogar ô iaiá
Deixa o menino aprender ô iaiá
Que a saúde do povo daqui
É o medo dos homens de lá
A sabedoria do povo daqui
É o medo dos homens de lá
A consciência do povo daqui
É o medo dos homens de lá”
(Natiruts)

RESUMO

A presente monografia apresenta uma análise das coberturas do portal brasileiro ge.globo e do espanhol Marca em relação ao caso de racismo envolvendo o jogador de futebol Vinicius Júnior, ocorrido em setembro de 2022. Esse incidente desencadeou uma campanha nas redes sociais que ficou mundialmente conhecida como #BailaViniJr. Assim, o principal objetivo é comparar as matérias realizadas por ambos os sites durante um período de quinze dias a partir do acontecido, visando compreender as posturas de cada um perante o episódio. Com esse intuito, há o mapeamento do tipo de texto jornalístico utilizado, a identificação das principais fontes das publicações e a observação da presença ou ausência de aprofundamento contextual nas escritas. Para alcançar essa compreensão, mergulhamos no universo do jornalismo esportivo, explorando suas particularidades e nuances, incluindo a cultura inerente a esse ramo da mídia em solo brasileiro. Além disso, contextualizamos historicamente o fenômeno do racismo nos países envolvidos, Brasil e Espanha, a fim de lançar luz sobre como essas questões são refletidas nas coberturas jornalísticas do segmento. Coelho (2003), Alcoba (1980), Fanon (1952) e Silveira (2003) são algumas das referências utilizadas nesta pesquisa, bem como é utilizada a metodologia de Bardin (1977) para embasar essa análise de conteúdo.

Palavras-chave: Vinicius Júnior; racismo; futebol; jornalismo esportivo; Brasil; Espanha.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the coverage by the Brazilian portal *ge.globo* and the Spanish *Marca* regarding the racism incident involving soccer player Vinicius Júnior, which occurred in September 2022. This incident sparked a social media campaign known worldwide as #BailaViniJr. The main objective is to compare the articles published by both sites during a fifteen-day period following the incident, aiming to understand each one's stance towards the episode. To achieve this goal, the study maps the type of journalistic texts used, identifies the main sources in the publications, and observes whether there is depth of contextual analysis in the writings. In order to gain this understanding, we delve into the world of sports journalism, exploring its peculiarities and nuances, including the inherent culture of this media sector in Brazil. Additionally, we provide a historical context to the phenomenon of racism in the involved countries, Brazil and Spain, shedding light on how these issues are reflected in sports journalism coverage. Coelho (2003), Alcoba (1980), Fanon (1952), and Silveira (2003) are among the references used in this research, alongside Bardin's (1977) methodology to support the content analysis.

Keywords: Vinicius Júnior; racism; soccer; sports journalism; Brazil; Spain.

RESUMEN

Esta monografía presenta un análisis de las coberturas del portal brasileño ge.globo y del español Marca respecto al caso de racismo que involucra al jugador de fútbol Vinicius Júnior, ocurrido en septiembre de 2022. Este incidente desencadenó una campaña en redes sociales conocida mundialmente como #BailaViniJr. El objetivo principal es comparar los artículos publicados por ambos sitios durante un período de quince días tras el incidente, con el fin de comprender la postura de cada uno ante el episodio. Para lograr este objetivo, se realiza un mapeo del tipo de textos periodísticos utilizados, se identifican las principales fuentes en las publicaciones y se observa si hay profundidad en el análisis contextual en los escritos. Para obtener esta comprensión, nos adentramos en el mundo del periodismo deportivo, explorando sus particularidades y matices, incluyendo la cultura inherente a este sector de los medios en Brasil. Además, proporcionamos un contexto histórico al fenómeno del racismo en los países involucrados, Brasil y España, arrojando luz sobre cómo estos temas se reflejan en la cobertura periodística deportiva. Coelho (2003), Alcoba (1980), Fanon (1952) y Silveira (2003) son algunas de las referencias utilizadas en esta investigación, junto con la metodología de Bardin (1977) para respaldar el análisis de contenido.

Palabras clave: Vinicius Júnior; racismo; fútbol; periodismo deportivo; Brasil; España.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01** - Enquete sobre as danças de Vinicius Júnior.....64
- Figura 02** - Vídeo de Vinicius Júnior com legenda contendo a palavra racismo.....67

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Síntese do corpus da pesquisa de ge.globo.....	54
Quadro 02 - Síntese do corpus da pesquisa de Marca.....	57
Quadro 03 - Natureza das reportagens do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca.....	68
Quadro 04 - Tom da cobertura do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca.....	69
Quadro 05 - Enquadramento da narrativa do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca.....	70
Quadro 06 - Principais fontes do caso #BailaViniJr na cobertura do site ge.globo.....	70
Quadro 07 - Principais fontes do caso #BailaViniJr na cobertura do site Marca.....	71
Quadro 08 - Quantidade de detalhes do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca.....	72
Quadro 09 - Posição editorial expressa do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca.....	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 JORNALISMO ESPORTIVO.....	17
2.1 CARACTERÍSTICAS E IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO ESPORTIVA.....	19
2.2 COBERTURA DE FUTEBOL.....	21
2.3 CULTURA DO FUTEBOL NO BRASIL.....	23
2.4 JORNALISMO ESPORTIVO E PAUTAS SOCIAIS.....	26
3 LUTA ANTIRRACISTA.....	31
3.1 NO BRASIL.....	31
3.2 NA ESPANHA.....	35
3.3 NO FUTEBOL BRASILEIRO E EUROPEU.....	39
3.3.1 Rei Pelé.....	41
3.3.2 Racismo contra jogadores brasileiros.....	43
4 CASO #BAILAVINIJR.....	46
4.1 HISTÓRICO DE DISCRIMINAÇÃO.....	48
5 COBERTURAS NOS PORTAIS GE.GLOBO E MARCA.....	51
5.1 GE.GLOBO E MARCA.....	51
5.2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	52
5.3 ANÁLISE DETALHADA.....	59
5.4 INTERPRETAÇÃO DE PADRÕES.....	68
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
7 REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Em um lamentável episódio que expôs o racismo presente no futebol internacional, o jogador brasileiro Vinicius Júnior foi alvo de um comentário discriminatório em um programa de televisão espanhol no dia 15 de setembro de 2022. O agente de jogadores Pedro Bravo declarou que Vinicius deveria “deixar de fazer macaquice”, referindo-se às comemorações dançantes do atleta após seus gols. A repercussão foi imediata e negativa, com a declaração sendo amplamente condenada por sua conotação racista. Esse incidente gerou uma onda de apoio ao atleta, que incluiu manifestações públicas de solidariedade de colegas jogadores, clubes e entidades esportivas, todos enfatizando a necessidade urgente de combater o racismo no futebol e na sociedade.

Em resposta à polêmica, Vini se pronunciou, reafirmando seu orgulho em celebrar seus gols com danças — uma expressão de sua cultura e alegria. Ele destacou que não iria parar de dançar, pois essa é uma forma de homenagear suas raízes e celebrar sua identidade. O jogador também aproveitou para criticar o racismo e a discriminação, que ainda permeiam o mundo do futebol. A partir disso, foi criada na internet a campanha #BailaViniJr em apoio ao brasileiro.

Dois dias depois, Vinicius foi novamente alvo de racismo, dessa vez por parte da torcida do Atlético de Madrid, que proferiu cânticos racistas durante o clássico contra o Real Madrid. Esses incidentes sublinham o persistente problema do racismo no futebol europeu e destacam a urgência de medidas efetivas para erradicá-lo. A situação envolvendo Vinicius Júnior exemplifica a luta contínua dos atletas negros contra o racismo e a necessidade de uma resposta firme e coordenada por parte das autoridades esportivas e da sociedade de forma geral, com base em um debate realizado pelos jornalistas esportivos em seus meios de veiculação.

As experiências enfrentadas pelo jogador se somam a uma série de incidentes de discriminação racial nos estádios espanhóis ao longo das últimas três décadas. Embora jogadores negros já estivessem presentes na Espanha desde o início do século passado, o aumento significativo desses acontecimentos ocorreu após a implementação da Lei Bosman, em 1995. Essa nova legislação desempenhou um papel fundamental na abertura do mercado europeu para atletas de todas as regiões do mundo, resultando em uma grande entrada de jogadores africanos e sul-americanos.

Quando abordamos o tema do racismo, é fundamental compreender como esse preconceito se enraíza na sociedade. Neste estudo, o foco está no mundo do futebol, analisando especificamente como o racismo se manifesta e é tratado nesse contexto. A mídia esportiva não deve se limitar a discutir apenas os eventos “dentro das quatro linhas”, e tanto no Brasil quanto na Espanha, é papel essencial e social de todo jornalista combater preconceitos por meio da palavra e dos recursos que lhe são disponibilizados para difundir pensamentos. Com essa perspectiva em mente e considerando possíveis diferenças na cobertura entre Brasil e Espanha, esta pesquisa visa analisar, por intermédio da análise de conteúdo de Bardin (1977), como o portal brasileiro *ge.globo* e o espanhol *Marca* repercutiram o caso #BailaViniJr, considerando matérias publicadas entre 15 e 30 de setembro de 2022. O objetivo geral é comparar ambas as coberturas por meio dos seguintes objetivos específicos:

- a. Mapear o tipo de texto jornalístico utilizado, seja ele informativo ou opinativo.
- b. Identificar as principais fontes das publicações, visando entender quais vozes são mais utilizadas nas narrativas.
- c. Observar a presença ou ausência de aprofundamento contextual nas escritas a fim de perceber que tipo de importância se dá aos fatos do caso e suas nuances.

Este estudo tem algumas pretensões acadêmicas que servem também como justificativa: desde a infância, o futebol sempre foi uma paixão constante na minha vida, não apenas como uma forma de entretenimento, mas também como uma janela para compreender a dinâmica social e cultural do Brasil. O fascínio pelo esporte se ampliou com o tempo, levando-me a acompanhar atentamente as coberturas esportivas e a perceber como o esporte reflete e influencia diversos aspectos da sociedade brasileira. Esse interesse pessoal se transformou em uma motivação profissional e acadêmica, direcionando meus estudos para a análise crítica das narrativas e práticas que permeiam o futebol e sua representação na mídia.

A escolha de investigar o racismo no esporte, particularmente no futebol, surge da necessidade urgente de promover um debate mais aprofundado e consciente sobre o tema. O futebol, sendo um esporte tão popular e acessível, deveria ser um exemplo de inclusão e igualdade. No entanto, a persistência de atitudes racistas dentro e fora dos campos revela a importância de abordar essas questões de maneira mais incisiva e sistemática. A partir das

coberturas esportivas, é possível observar como o racismo é tratado, ou muitas vezes negligenciado, tanto nas reportagens quanto nas análises esportivas. Este trabalho busca, portanto, contribuir para a conscientização e a erradicação dessas práticas discriminatórias, promovendo uma reflexão crítica entre torcedores, atletas e jornalistas.

Apesar da relevância de temas que abordam casos de racismo no futebol, ainda há um número muito pequeno de estudos acadêmicos que os exploram de forma abrangente e multidisciplinar. Existem incontáveis trabalhos relacionados aos assuntos jornalismo/racismo e futebol/racismo, porém raros são aqueles que analisam episódios de injúrias na ótica da mídia esportiva. Uma busca nas ferramentas Google Acadêmico, Lume UFRGS e Portal de Periódico da Capes expôs o baixo número de escritas que contemplam o mesmo direcionamento que este projeto de pesquisa no idioma português no período dos últimos cinco anos. Foram encontrados, nesses três portais de busca, quatro trabalhos que abordam o tema do racismo contra o brasileiro, sendo dois deles com a temática específica deste estudo. A busca foi feita entre os dias 2 e 3 de junho de 2024, por meio das palavras-chave “Vini Jr/racismo” e “Vinicius Jr/racismo”.

A escassez de pesquisas e debates acadêmicos sobre a interseção entre esporte e questões raciais deixa uma lacuna significativa no entendimento e na busca por soluções efetivas. Portanto, este trabalho pretende oferecer uma análise detalhada e bem fundamentada que possa servir de base para futuras pesquisas e ações concretas. Ao destacar a importância de uma cobertura esportiva mais responsável e inclusiva, podemos avançar no combate ao racismo e promover um ambiente esportivo mais justo e igualitário.

A hipótese é de que o portal brasileiro ge.globo tenha realizado uma cobertura mais abrangente sobre o caso envolvendo o jogador em comparação ao espanhol Marca. Essa suposição baseia-se no aumento constante das discussões sobre racismo no Brasil, além da maior proporção de negros no país sul-americano, que é de 55,5%¹, em contraste com aproximadamente 1,5%² na Espanha. Além disso, o Brasil está mais avançado no debate

¹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Popula%C3%A7%C3%A3o%20preta%20tem%20103%2C9,sexo%20por%20cor%20ou%20ra%C3%A7a>. Acesso em 24 de mar. 2024.

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/05/sob-sombra-de-racismo-no-futebol-espanha-desconhece-sua-populacao-negra.shtml#:~:text=Assim%20como%20ocorre%20na%20maior,pa%C3%ADs%20n%C3%A3o%20rec>

racial, em parte porque celebra o Dia da Consciência Negra em 20 de novembro, uma data de conscientização nacional estabelecida desde 2011, algo que falta no contexto espanhol.

No âmbito futebolístico, o presidente da Federação Espanhola de Futebol descredibilizou o atacante brasileiro após ele ter reclamado que a confederação não tomava medidas contra os insultos racistas que vinha sofrendo. Em sua resposta, que incluía a frase “se informe melhor”, o dirigente demonstrou total falta de sensibilidade em relação à situação. O foco do cartola parecia ser a defesa da imagem da federação e não a abordagem aos graves insultos dirigidos ao atleta.

Outro ponto essencial a destacar, relacionado ao anterior, é que Vinicius Júnior frequentemente enfrenta preconceito nos estádios da Espanha. Um dos casos mais notórios de racismo contra o jogador, conhecido como “Malvadeza”, ocorreu no final de janeiro de 2023. Antes do clássico entre Atlético de Madrid e Real Madrid, torcedores do Atlético penduraram um boneco com a camisa de Vinicius em uma ponte próxima ao centro de treinamento do Real Madrid. Junto ao boneco, uma faixa com os dizeres “Madri odeia o Real” foi exibida. Esse ato, amplamente condenado pela comunidade esportiva e pelas autoridades, gerou enorme repercussão midiática. A polícia espanhola abriu uma investigação para identificar e punir os responsáveis pelos atos de ódio e intimidação, destacando a persistência do racismo e a necessidade de medidas mais eficazes para combater esse tipo de comportamento nos estádios e na sociedade.

Para melhor compreensão, o presente estudo está dividido em seis capítulos, sendo o primeiro deles esta introdução. O segundo, nomeado “Jornalismo Esportivo”, abordará diversos aspectos cruciais dessa área do jornalismo. Inicialmente, trará a definição do que é o jornalismo esportivo, suas funções e os desafios enfrentados na atualidade. Posteriormente, serão discutidas as características distintivas e a importância do meio na sociedade. A cobertura do futebol e sua cultura no Brasil também serão assunto nessa seção, que encerra expondo como o jornalismo esportivo se portou diante de casos de racismo, machismo e homofobia. Diversos autores serão fundamentais na construção das ideias, como Traquina (2005), Coelho (2003) e Alcoba (1980).

Intitulado “Luta Antirracista”, o terceiro capítulo tratará de examinar as várias facetas das lutas antirracistas, com um foco particular no Brasil, na Espanha e no contexto do futebol. A intenção será desvendar as complexas interações sociais, políticas e culturais que influenciam esses ambientes, destacando as estratégias de resistência, os movimentos de mobilização e os esforços de conscientização contra o racismo. Silveira (2003), Fanon (1952) e Filho (1963) serão convocados para a construção da seção.

O capítulo de número quatro propõe contextualizar detalhada e cronologicamente o caso de racismo conhecido como #BailaViniJr, ocorrido em setembro de 2022, que também dá nome ao tópico. A seção começará elucidando o incidente desde os eventos iniciais que levaram às ofensas racistas dirigidas ao jogador Vinicius Júnior, passando pelas reações imediatas do público, da mídia e das entidades esportivas. Em seguida, serão descritas as medidas tomadas pelas autoridades competentes, as repercussões nas redes sociais e a resposta da comunidade futebolística global. Ao final, haverá um subcapítulo contendo uma breve explicação do histórico de discriminações sofridas pelo brasileiro desde sua chegada à Europa.

Os objetos de pesquisa ge.globo e Marca serão apresentados em uma visão abrangente no quinto capítulo, chamado “Coberturas do caso #BailaViniJr nos portais ge.globo e Marca”. Inicialmente, suas principais características e perfis de audiência serão descritas, demonstrando o porquê de serem líderes no segmento esportivo em seus respectivos países, Brasil e Espanha. Em seguida, a metodologia empregada nesta monografia será detalhada, assim como os processos utilizados para compilar o *corpus* de análise. Após, haverá a análise comparativa da cobertura do caso #BailaViniJr por ambos os portais, discutindo os resultados observados e suas implicações.

Por fim, o sexto e último capítulo apresentará as considerações finais da pesquisa, trazendo respostas tanto ao problema quanto aos objetivos do trabalho. A hipótese inicialmente exposta nessa conclusão também retornará para o centro do debate. Serão sintetizados os principais achados da monografia, destacando as observações do estudo. Por meio de uma análise crítica, serão discutidos os resultados obtidos, enfatizando sua relevância para o campo investigado. Com as conclusões, será possível refletir sobre as implicações dos achados para a prática profissional, oferecendo recomendações baseadas nas evidências levantadas ao longo do estudo.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo é uma área específica do jornalismo que se dedica à cobertura e análise de torneios, competições e atividades relacionadas ao mundo do esporte. Para Traquina (2005), é um tipo de jornalismo especializado que envolve a cobertura de eventos esportivos, a produção de notícias sobre o esporte e a análise crítica do desempenho de atletas e equipes, bem como as questões relacionadas à política esportiva, economia e aspectos culturais.

Alcoba (1980) defende que o ramo é uma especialização jornalística que se dedica ao tratamento de temas relacionados à cultura e à indústria do esporte. Segundo o autor, a editoria é responsável por transmitir a emoção e a paixão que envolvem o mundo dos esportes, bem como por contribuir para a formação de uma cultura esportiva mais crítica e consciente. O autor reconhece o jornalismo esportivo como uma atividade de fundamental importância na sociedade contemporânea, ao proporcionar informação, entretenimento e reflexão sobre a cultura esportiva.

A área necessita de um conhecimento quase que total do assunto esportivo por parte do profissional do jornalismo, sendo extremamente importante ter acompanhamento e estudo sobre o que se fala. É o que defende Erbolato (1981) sobre a importância do campo:

A Editoria de Esportes tem importância pela diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico. Para cada especialidade, recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente a possibilidade dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições. (ERBOLATO, 1981, p. 15).

Conhecido por lidar com a emoção de milhões de pessoas ao redor do planeta, o esporte legitimou um dos mais populares campos do jornalismo. Segundo Guerra (2015), a área atinge tanto impacto no público quanto as demais. “É, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão”. (GUERRA, 2015, p. 42).

As questões éticas ocupam um lugar central no debate, apresentando desafios significativos para os profissionais da área. Os jornalistas devem buscar a objetividade, evitando viesamentos que possam distorcer a percepção pública dos eventos esportivos. É o que argumenta Coelho (2003), quando destaca a importância da imparcialidade como um dos pilares éticos fundamentais na cobertura esportiva. A isenção opinativa não apenas fortalece a

integridade do jornalismo esportivo, mas também contribui para uma narrativa equilibrada e justa, alimentando a confiança do público quanto à veracidade das informações apresentadas.

Além disso, Coelho (2003) também explora os desafios éticos relacionados à integridade na construção da narrativa esportiva, argumentando que os jornalistas devem enfrentar a tentação de ceder à pressão por notícias sensacionalistas em detrimento da precisão e veracidade. O autor ainda ressalta a responsabilidade dos profissionais de manterem padrões éticos elevados, a fim de assegurar que a busca por audiência não comprometa a credibilidade do jornalismo esportivo. Ao abordar essas questões, Coelho (2003) destaca a necessidade de os jornalistas equilibrarem o interesse público com a preservação da integridade ética, promovendo uma cobertura esportiva que seja informativa, imparcial e ética.

No Brasil, a área passou a ocupar locais de destaque nas primeiras páginas de periódicos durante o século XIX, quando os esportes começaram a ganhar espaço na sociedade. Contudo, foi no início do século seguinte que o jornalismo esportivo passou a se consolidar como uma prática distinta (SILVEIRA, 2009). Textos mais dinâmicos e irreverentes criaram uma diferenciação do segmento em relação aos demais, fazendo nomes como os dos expoentes jornalistas Mário Filho e Nelson Rodrigues destacarem-se.

[...] Posso dizer que, desde então, ninguém influiu mais na imprensa brasileira. O próprio artigo de fundo deixou de ter a pose do mordomo de filme de policial inglês. Nos tópicos, fazia-se, vez por outra, uma concessão à nova língua. Em suma: - o jornal deixava de ser besta. E, graças a Mario Filho, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página. [...] E, súbito, o grande jogo começou a aparecer, no alto da página, em oito colunas frenéticas. Tudo mudou, tudo: - títulos, subtítulos, legendas. Abria-se a página de esporte e lá vinha o soco visual: - o crioulo do Flamengo, de alto a baixo da página. E não era a pose de hirta. Mario Filho acabou com o craque perfilado como se estivesse ouvindo o Hino Nacional. O craque aparecia em pleno movimento, crispado no seu esforço. E as figuras plásticas, elásticas, acrobáticas, enchiam as páginas de tensão e dramatismo. E, com isso, o diretor, o secretário e o gerente descobriram o futebol e o respectivo profissional. O cronista esportivo deixava de ser o pai da Sônia do Crime e Castigo. Começou até a mudar fisicamente. Por outro lado, seus ternos e gravatas acompanhavam a fulminante ascensão social e econômica. (RODRIGUES FILHO, 1994, p. 9).

O jornalismo esportivo permanece como uma peça fundamental no cenário midiático, moldando e sendo moldado pelas transformações sociais, tecnológicas e esportivas ao longo do tempo. Ao explorar as nuances desse campo, percebemos que sua história é intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do esporte e à evolução da própria comunicação. A imparcialidade e a integridade continuam a ser pilares essenciais, como ressaltado por

diversos autores, garantindo uma cobertura informativa que não apenas relata, mas também influencia a percepção pública em relação aos eventos esportivos.

2.1 CARACTERÍSTICAS E IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO ESPORTIVA

No segmento esportivo, os conceitos e características básicas dizem respeito aos mesmos parâmetros contornados nos demais tipos de jornalismo. A mudança parte apenas do tipo de conteúdo abordado e, de certa forma, do formato preferencial de comunicação. Para Silveira (2009, p. 26), os pilares do ato da profissão são: “a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público”.

Hudec (1980) definiu as seguintes características do jornalismo:

- a. Atualidade: interpretação e contextualização dos eventos, fenômenos e conceitos contemporâneos, à luz de sua conexão com os eventos históricos.
- b. Comprometimento de classe: assegura que os eventos selecionados são utilizados para promover uma determinada perspectiva ou opinião.
- c. Fidelidade aos fatos: exposição de maneira precisa e verídica dos problemas contemporâneos, embasados em fatos e evidências concretas.
- d. Multiplicidade: disseminação por meio de diversos canais de comunicação.
- e. Natureza institucional: repercussão da interação do jornalismo com variadas camadas sociais ou grupos nelas inseridos, promovendo suas respectivas metas e interesses. Nesse contexto, o jornalismo é visto como uma instituição que tem conotações ideológicas, políticas e econômicas, operando como uma entidade orientada para o lucro.
- f. Periodicidade: fiscalização constante do progresso do cenário presente.
- g. Publicidade: informação social dirigida ao público, resultando em um profissional do jornalismo que aguarda uma reação da opinião pública.

- h. Rapidez: precisão para estar sempre atualizado sobre os eventos exatos, tanto em tempo quanto em local, para garantir a informação e sua subsequente divulgação com maior velocidade.
- i. Universalidade: coesão do jornalismo em enfrentar uma ampla variedade de questões sociais, devendo discernir quais são prioritárias, apresentando-as com uma perspectiva contemporânea.

Buscando compreender a relevância da informação esportiva e entender como conquistou seu inquestionável espaço no meio jornalístico, Alcoba (2005) apresenta uma cronologia que contém a evolução do esporte e o desenvolvimento informativo do meio. Dividida em cinco fases, essa cronologia abrange:

- a. Pré-História: o evento esportivo — o jogo — é descoberto, resultando na comunicação dentro de uma mesma comunidade e entre comunidades distintas.
- b. Idade Antiga: as disputas iniciam, exigindo a necessidade de estádios, muitas vezes grandiosos. Além disso, outros setores, como o religioso e o militar, reconhecem a importância do esporte. Como consequência, surge o jornalismo segmentado.
- c. Idade Média: o fator lúdico ressurge, ensejando a implementação de preparação física para os desportos, além da diferenciação das atividades em diferentes grupos econômicos.
- d. Idade Moderna: os Jogos Olímpicos foram remodelizados pelo francês Barão de Coubertin. A partir disso, há avanços nos estudos sobre educação física.
- e. Idade Contemporânea: as mudanças na tecnologia proporcionam alterações importantes na vida social, que agora usa a ação esportiva como momento de fuga das incomodações da rotina. O esporte também é visto como ferramenta política, além de ser base para pesquisas científicas que tentam desvendar suas benesses. Como resultado, os jogos passam a atrair o público e o mercado, gerando assim um espetáculo de grandes coberturas feitas pelo jornalismo especializado.

Atualmente, a comunicação é parte fundamental para o esporte. Sem a difusão de jogos, eventos e acontecimentos por parte dos jornalistas, as informações circulariam entre

pequenos grupos, muitas vezes diretamente atrelados aos fatos. Do mesmo modo, as torcidas certamente seriam menores, visto que poucas pessoas teriam acesso integral aos times. No entanto, esse movimento crescente em relação ao jornalismo esportivo denota de certo proveito financeiro:

A especialização e a profissionalização do esporte só ocorreram devido ao interesse que ele despertou em diversos setores econômicos da sociedade, que perceberam os variados benefícios que ele gera. Benefícios de tudo quanto é tipo, desde os físicos proporcionados pela prática, quanto os econômicos, proporcionados pelo grande negócio que se tornou o mundo esportivo. Para buscar a integração com as instituições, sejam elas públicas ou privadas, a estrutura esportiva precisou ser repensada e aumentou em complexidade, por vezes se submetendo a um controle político e econômico para evitar um choque com o Estado. Isso ocorre quando as organizações esportivas se submetem a outros poderes em que a filosofia e as intenções nada têm a ver com o espírito do esporte. Como o controle político exercido pelos governantes como forma de manter e favorecer a propaganda positiva do seu governo. (SILVEIRA, 2009, p. 45).

O jornalismo é elemento-chave na criação de ídolos e na cobertura de eventos esportivos. Segundo Silveira (2009), é por intermédio dos meios de comunicação que os atletas são elevados à categoria de ícones, inspirando admiradores e influenciando a cultura esportiva global. Além disso, a cobertura midiática proporciona uma plataforma para o compartilhamento de histórias inspiradoras, emocionantes e motivadoras, conectando os fãs aos seus esportes e atletas favoritos. Para mais, molda não apenas a forma como percebemos o esporte, mas também a maneira como celebramos suas conquistas e admiramos seus protagonistas.

2.2 COBERTURA DE FUTEBOL

A cobertura de futebol é um tema que desperta paixões e reflexões entre os aficionados pelo esporte mais popular do mundo, na visão de Nogueira (1997). A imprensa tem um papel fundamental na disseminação das informações e opiniões sobre o esporte, seja em jornais, revistas, rádios, televisões ou na internet. O modo como o futebol é coberto pelos meios de comunicação pode influenciar diretamente a opinião pública sobre o esporte e acerca dos personagens que o protagonizam.

É por meio da cobertura que o futebol chega até as pessoas, fazendo então parte do dia a dia de quem é aficionado pelo esporte. Por conta disso, ela deve ser feita com emoção e sensibilidade, valorizando não apenas o resultado do jogo, mas também a história e a cultura

que envolvem o esporte. “O futebol é o jogo mais humano de todos, o mais puro, o mais simples, o mais belo e, conseqüentemente, o mais poético” (Nogueira, 1997, p. 23).

King (1997) destaca que a cobertura tem importância na construção da identidade nacional e no fortalecimento do sentimento de pertencimento. Para o autor, ela pode ser vista como uma “performance ritualística”, que reforça a identidade nacional e o senso de comunidade.

Ademais, pode ter um impacto significativo na economia e na política de um país, especialmente durante grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo:

A cobertura ao vivo consagra a espetacularização da notícia, assim como em um show. A percepção visual é vista como fonte principal do conhecimento. Diversas câmeras são estrategicamente posicionadas, em lugares distintos durante a partida, para captar um número maior de imagens, com detalhes e precisão. A superexposição midiática compõe a espetacularização do esporte. Há interesses jornalísticos, publicitários e mercadológicos, ou seja: quanto maior o interesse das pessoas em relação ao evento futebolístico, maior é o retorno econômico para as entidades e empresas a ele vinculadas. (OLIVEIRA e PIMENTA, 2018, p. 6).

Com o advento da internet, as notícias passaram a ser disputadas “minuto a minuto”. Qualquer fato informado em primeira mão tem prioridade, mesmo não sendo necessariamente exato ou verídico. Essa disputa tem gerado uma superficialidade na cobertura de futebol no país, de acordo com Kfourri (2009). “O futebol é tão fascinante que consegue encantar até quem não gosta dele, mas a cobertura que é feita sobre ele na imprensa é quase sempre tão superficial que faz com que quem goste se envergonhe” (KFOURI, 2009, p. 10). Para o jornalista, atualmente os veículos de comunicação se preocupam mais em dar destaque a polêmicas e escândalos do que em analisar de forma profunda e crítica o esporte em si.

Além do foco excessivo no extracampo, também há críticas sobre o pouco aprofundamento no estudo do futebol e os aspectos técnicos e táticos do jogo. A cobertura deve ir além do resultado e das polêmicas, buscando compreender as estratégias e os movimentos dos jogadores em campo (COELHO, 2011).

À parte dos acontecimentos diários e das coberturas de eventos, existe a necessidade de abordar as pautas sociais relevantes, como racismo, homofobia e violência nos estádios, as quais devem ser discutidas por todos envolvidos com o esporte. É o que defende Maluly (2017). Ele acredita que a cobertura de futebol deva ser crítica e reflexiva, evitando reproduzir

estereótipos e preconceitos, e que os meios de comunicação assumam a responsabilidade de informar e educar o público sobre essas questões.

Os críticos observam o noticiário esportivo como um espaço destinado à superficialidade, conduzido por um grupo de comunicadores que prefere “perder tempo” com informações e análises sobre os resultados das competições, em vez de discutir os problemas do esporte, com o mesmo engajamento do debate em torno do acesso à educação, saúde, segurança e monopólio dos meios de comunicação. (MALULY, 2017, p. 2).

Diante do crescente volume de responsabilidades enfrentado pelos jornalistas, destaca-se a necessidade imperativa de aprimorar a abordagem das notícias. Maluly (2017) ressalta a transição do atual modelo, caracterizado pelo ufanismo na cobertura doméstica, para uma era onde a clareza se torna fundamental. Assim, a dissimulação e a omissão de informações não são mais toleradas, uma vez que o público adquiriu uma dimensão universal.

O jornalista brasileiro, antes voltado primariamente para audiências nacionais, agora se torna um comunicador global, sendo a vitrine e referência para milhões de outros profissionais. A imprensa especializada em esportes emerge como uma fonte universal nesse panorama. O desafio imposto aos jornalistas é ampliar o escopo das notícias para além do futebol, abandonando a superficialidade vigente na cobertura diária. Nesse contexto, o profissional da comunicação é chamado a uma nova postura diante do desafio proposto pelo autor: expandir a abordagem jornalística para além das fronteiras do futebol e superar a atual superficialidade na cobertura de outras modalidades esportivas.

Em consonância com as palavras de Maluly (2017), a imprensa brasileira especializada em esportes assume uma posição de destaque como fonte universal de informações. O jornalista, antes restrito ao alcance nacional, agora enfrenta a responsabilidade de comunicar para um público global. Portanto, é crucial que o profissional esteja preparado para esse novo cenário, no qual a clareza na transmissão das notícias torna-se fundamental e a omissão de informações não é mais aceitável. Esse desafio instiga uma reflexão sobre a necessidade de aprimoramento constante e uma abordagem mais abrangente na cobertura jornalística.

2.3 CULTURA DO FUTEBOL NO BRASIL

A cultura do futebol é uma manifestação popular, que reflete as características e os valores da sociedade em que se insere. É um conjunto de práticas, crenças, valores, rituais e

tradições que cercam o esporte. Elemento formador de costumes e identidades de diversos países pelo mundo, o futebol tem seu espaço assegurado na sociedade por sua importância comunitária. É um esporte que transcende as fronteiras geográficas e culturais, criando uma linguagem universal que une as pessoas em todo o mundo. A famosa frase “O futebol é a coisa mais importante dentre as coisas menos importantes”, do técnico italiano Arrigo Sacchi, mistifica bem a fama do esporte mais popular do mundo. É, dessa forma, um espaço onde a sociedade simbolicamente se expressa (RINALDI, 2000).

O jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo. Ambos expressam-se mutuamente, principalmente no que se refere à subjetividade das relações estabelecidas dentro do contexto de uma partida de futebol, as transgressões às regras, à ordem e à desordem, o envolvimento da torcida com seu time de coração, chorar ou se alegrar, brigar ou festejar. (RINALDI, 2000, p. 171).

Apesar de o esporte ter sido criado por Charles Miller, na Inglaterra, a alcunha de “país do futebol” pertence ao Brasil. Como fenômeno social, a sintonia da modalidade com a estrutura organizacional da comunidade é notável, alinhando-se a outros componentes da cultura popular, como o carnaval, a arte, a religião e a música. Conforme Rinaldi (2000), é dessa maneira que o futebol se revela como uma expressão intrínseca da sociedade brasileira, uma manifestação cultural historicamente construída que ecoa as nuances do seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Ao longo do tempo, o futebol tem desempenhado um papel significativo na cultura brasileira, mantendo-se como um elemento de destaque. É algo profundamente enraizado na identidade nacional, transcendendo as fronteiras de um simples esporte para se tornar um fenômeno social e cultural (DAÓLIO, 1997). Desde as partidas acaloradas nos campos de terra batida nas comunidades mais remotas até os estádios grandiosos que abrigam times renomados, o autor acredita que o futebol é mais do que uma paixão; é um elo que une pessoas de todas as classes sociais. As cores vibrantes dos uniformes, os cânticos apaixonados das torcidas e a habilidade exuberante dos jogadores são partes integrantes desse espetáculo que capta a atenção e o coração de milhões. É o que entende Daólio (1997, p. 122) quando diz que “o futebol brasileiro, visto como uma prática social, também se constitui em um meio pelo qual os indivíduos expressam determinados sentimentos”.

Na conjuntura cultural do país, o futebol emerge como uma peça fundamental. Segundo DaMatta (1982), o esporte não apenas reflete, mas também expressa a dinâmica

social do Brasil, justificando, desse modo, sua garantia de espaço. “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21).

Torneios homéricos, como a Copa do Mundo, alimentam ainda mais a identidade futebolística do povo das terras tupiniquim. O verde e o amarelo invadem todos os espaços, exaltando a nacionalidade brasileira. A primeira grande cobertura de copa ocorreu em 1938, na França. A imprensa e a Confederação Brasileira de Desportes (CBD) não sabiam que, ao provocarem os torcedores a “disputar uma partida contra a França”, como se fossem o décimo segundo jogador, estariam reforçando um dos primeiros momentos de identidade nacional atrás do futebol:

Simbolicamente, reforçou-se a idéia de que aquela não era uma simples disputa esportiva e, sim mais uma provação com intuito de mostrar a força do Brasil, do seu povo, a partir do futebol. De diversas maneiras, com a forte colaboração da crônica esportiva foi responsabilizado pelo desempenho dos atletas do Brasil. Esse momento de a afirmação da nacionalidade foi um sucesso, apesar da derrota para a seleção Italiana. Enfim o destino do país encontra-se nos pés de um time de futebol, como nas mão de cada brasileiro. Enfim, o futebol reforçou a idéia que mostravam a necessidade da construção nacional. (NEGREIROS, 1997, p. 215).

De acordo com Toledo (1998), o futebol no Brasil é uma manifestação cultural que vai além do campo, permeando a música, a moda e até mesmo o modo como as pessoas se relacionam e se expressam, consolidando-se como uma parte indissociável do tecido social brasileiro. A dança, por exemplo, remonta às raízes africanas do país, desenvolvendo-se ao longo do tempo como parte da identidade do esporte. Toledo (1998, p. 174) é enfático ao afirmar que “um brasileiro, no meio da multidão multinacional, será reconhecido por um certo jeito de rolar a cintura”. Para o autor, os jogadores brasileiros são conhecidos por sua habilidade técnica e criatividade em campo, e muitos deles incorporam movimentos de dança em suas comemorações de gol ou durante o aquecimento antes do jogo.

O imaginário coletivo em torno da figura brasileira no futebol transcende as linhas do campo e se torna uma narrativa entrelaçada com a identidade nacional. A imagem do jogador de futebol brasileiro evoca talento inigualável, destreza técnica e uma habilidade única para transformar o jogo em arte. Essa figura é muitas vezes associada a uma fusão de ginga, criatividade e paixão, encapsulando não apenas uma performance atlética, mas também uma expressão cultural distintiva. A subjetividade presente no imaginário coletivo sobre o futebol

— e a persona do jogador brasileiro — transita entre conformidade e transgressão, especialmente na “malandragem”, que se destaca da rotina comum. Para Rinaldi (2000), essa dualidade cria uma contradição entre o formal e não formal, desafiando normas e permitindo expressões criativas fora dos limites estabelecidos. A complexidade contribui para a riqueza da experiência futebolística, na qual as margens da lei e da malícia coexistem, enriquecendo a percepção social do esporte.

A construção do tipo ideal de malandro, sobretudo nos discursos, traduz um tipo de existência contraditória no indivíduo que oscila entre a ordem e a desordem, entre a lei e a transgressão. Essa existência contraditória generalizou-se para diferentes esferas da atuação social, inclusive para o futebol, e se modificou em paralelo às transformações sociais. A aproximação entre futebol e malandragem é explicada com facilidade, na medida que as classes populares se apropriaram do futebol; o samba de origem negro – proletária, teve na malandragem o seu motor temático nos anos de 1930 e 1950, logo o futebol, samba e malandragem constituem a matriz cultural das classes populares no Brasil. (SOARES, 1994, p. 8).

O futebol, o samba e a malandragem, portanto, constituem a matriz cultural das classes populares no Brasil, revelando uma interconexão rica e multifacetada entre as expressões culturais e a identidade brasileira.

2.4 JORNALISMO ESPORTIVO E PAUTAS SOCIAIS

O jornalismo esportivo, além de relatar eventos e resultados esportivos, desempenha um papel fundamental ao abordar questões sociais. Por meio da lente do esporte, os jornalistas têm a capacidade única de explorar e amplificar temas como igualdade de gênero, diversidade, inclusão e justiça social. Ao destacar histórias de atletas que desafiam estereótipos, promovem a inclusão ou se posicionam contra a discriminação, o jornalismo esportivo não apenas informa, mas também inspira e catalisa mudanças sociais. Esse posicionamento em relação às pautas sociais não apenas enriquece a cobertura esportiva, como também fortalece seu impacto na sociedade, reforçando o esporte como uma plataforma para o progresso e a reflexão. Essas ideias são defendidas por Maluly (2017):

O esporte não é só o evento, não é só o atleta. Tem que ter uma pauta social, ligada à cidadania. Tem que ter uma relação entre o atleta e a população. O jornalista não pode estar só atento ao jogo do Corinthians no domingo. Ele tem que prestar atenção também no cara que está andando em volta. (MALULY, L., 2017. Entrevista com o Prof. Luciano Maluly [set. 2017]. São Paulo: Jornal da USP).

O esporte, como meio de inclusão social, pode auxiliar jovens marginalizados socialmente a ter acesso à cidadania. Grupos vulneráveis acessam jogos, principalmente os de futebol, mas não acessam seus campos teóricos e de comando. O grande número de

jogadores negros não reflete em um número proporcional dessa mesma comunidade em lugares de gestão — como treinador — e de participação jornalística, por exemplo.

Em programas esportivos, a figura do negro aparece apenas em excepcionalidades violentas, como casos de racismo e injúria. Para Dos Santos (2021), é necessário entender o papel do jornalismo esportivo nesse contexto. O esporte não existe em um vácuo; é intrinsecamente político e social, refletindo e influenciando dinâmicas mais amplas na sociedade. Portanto, o jornalismo esportivo que o acompanha deve ser sensível a essas interconexões, reconhecendo sua responsabilidade de abordar questões sociais e políticas pertinentes.

Historicamente, o jornalismo esportivo — assim como os demais segmentos da profissão — permaneceu ligado à ideia de branquitude. Considerado o primeiro episódio de racismo no futebol brasileiro, o “Caso Grafite” ocorreu durante uma partida válida pela Libertadores da América entre São Paulo e Quilmes Atlético Club, da Argentina. Na ocasião, o jogador são-paulino foi chamado de “negrito de mierda” por Desábato, atleta do time adversário. Ao final do jogo, o argentino recebeu voz de prisão antes mesmo de sair de campo. Ele foi conduzido à delegacia e ficou detido por 48 horas. No entanto, Grafite decidiu não prestar queixa.

À época, o jornalista Marcelo Beraba escreveu em sua coluna³ na Folha de São Paulo sobre o caso. Nela, Beraba entendeu o caso como um provocador oportuno e atrasado para a discussão do racismo no futebol. Por outro lado, também se posicionou de forma condescendente:

Se o jogador argentino Leandro Desábato xingou o jogador brasileiro Edinaldo Batista Libânio, o Grafite, de "negro de merda, filho da puta, negrinho", como consta no inquérito policial aberto em São Paulo após o jogo São Paulo x Quilmes, ele deve ser punido e sua condenação deve servir de exemplo para os que estimulam o ódio e a discriminação.

Mas, e se o jogador não pronunciou as ofensas racistas que a ele foram atribuídas? Neste caso, estaríamos diante de uma grande injustiça.

Na Folha, vários colunistas escreveram sobre o assunto, mas acho que dois resumem bem as diversas posições. Tostão condenou o racismo no futebol, mas não viu no episódio uma manifestação clara de discriminação. José Geraldo Couto foi mais duro: "Se for preciso optar, é melhor o exagero que a omissão". (BERABA, M., 2005. Em coluna de Marcelo Beraba [abr. 2005]. São Paulo: Folha de São Paulo).

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om2404200501.htm>. Acesso em 3 jul. 2024.

Nos anos que se sucederam, outros diversos casos de racismo foram notificados pela imprensa esportiva. Porém, de acordo com Dos Santos (2021), há uma falta clara de debates afrocentrados, o que dialoga com a percepção da falta de representatividade nos principais diálogos jornalísticos:

Quando se observa o jornalismo esportivo, é notória a escassez de pautas abordando a identidade do atleta negro. Este assunto se tornou mais comum em 2020 após os casos que desencadearam os objetos que serão analisados neste trabalho. O jornalismo esportivo também é marcado por uma construção resultadista, em que são apresentados os resultados dos jogos e qual jogador foi importante para a partida, o que distancia pautas sociais e políticas dos temas abordados nos programas esportivos. Sob a perspectiva da análise cultural, o campo carece de trabalhos que analisam produções em que o atleta negro não é só alvo do preconceito, mas sim o sujeito. (DOS SANTOS, 2021, p. 12).

O cenário do jornalismo esportivo frequentemente reflete as questões raciais e de gênero que permeiam a sociedade. Apesar dos avanços, as mulheres ainda enfrentam barreiras significativas nesse campo, desde o acesso limitado às oportunidades até a luta contra estereótipos arraigados. Segundo Coelho (2003), aproximadamente 10% das equipes editoriais que cobrem esportes no país são formadas por mulheres, de acordo com estimativas. No entanto, cada vez mais vozes femininas têm emergido, desafiando essas normas e contribuindo para uma cobertura esportiva mais inclusiva e diversificada.

A violência doméstica, sexual, de gênero e o feminicídio geralmente são temas abordados no âmbito do noticiário policial, devido à natureza criminosa desses eventos. Entretanto, de Araújo e Firmino (2023) defendem que, quando os envolvidos são atletas de destaque, especialmente no contexto do futebol, esses incidentes passam a integrar as coberturas e as discussões do jornalismo esportivo, ampliando o escopo de temas abordados nesse campo. É o caso recente envolvendo o técnico Alexi Stival, o Cuca. Ainda quando jogador, ele e mais três colegas do Grêmio, time que defendia à época, foram acusados pelo estupro de uma jovem de 13 anos — fato ocorrido ano a ano de 1987, em Berna, na Suíça. À época, a cobertura da mídia brasileira foi massivamente a favor de Cuca e dos demais acusados, principalmente no Rio Grande do Sul.

Ainda em 1987, o já falecido Wianey Carlet questionou a falta de reação da vítima e afirmou estar claro que não houve violência por parte dos jogadores em sua coluna⁴ no jornal Correio do Povo. “Pode-se questionar, isso sim, o bom gosto dos envolvidos. Mas cores e

4

Disponível

em:

<https://www.bol.uol.com.br/esporte/2023/04/27/como-a-imprensa-cobriu-o-episodio-de-estupro-envolvendo-cuca-na-suica.htm>. Acesso em 29 mar. 2024.

sabores não se discute. Resta dar boas-vindas a nossos doces devassos", declarou. No mesmo ano, mas na Zero Hora, Paulo Sant'ana também amenizou o caso, quando disse⁵ que “o fato ocorrido no hotel de Berna é normal em quase todas as excursões, dentro ou fora do país”. Para ele, o caso foi apenas um “deslize sexual” e defendeu a não expulsão dos atletas do Grêmio.

Quase 40 anos depois, o caso ainda repercute na mídia. E com ainda mais rigor após Cuca ler uma carta de desculpas durante coletiva como técnico do Athletico-PR. A comentarista esportiva do Grupo Globo Ana Thaís Matos se pronunciou em suas redes sociais e questionou as segundas chances recebidas por agentes do futebol envolvidos em violência de gênero e completou: “estamos vivendo um processo de revisitar histórias na sociedade. Nós estamos revisitando a história do movimento negro, das mulheres, nós somos agora presença nos debates esportivos”.

Em contrapartida, colegas de profissão de Ana saudaram a atitude do treinador. Casagrande assinou sua coluna no UOL com o título “Cuca fez um discurso histórico para o futebol brasileiro”. A publicação⁶ de março de 2023 contém a seguinte declaração:

[...] Você deu a volta por cima em grande estilo, Cuca, e ao mesmo tempo derrubou todos os machistas que pegaram o seu caso para tripudiar em cima das pessoas que cobravam uma posição sua.

[...] Imagino que não tenha sido fácil, mas você conseguiu.

O debate quanto às questões LGBTQIAPN+ é o mais atrasado em relação aos demais já citados. Além da exclusão de profissionais na mídia, poucos são os atletas assumidamente homossexuais. Pesquisador em jornalismo esportivo, Gustavo Andrada Bandeira deu entrevista ao site 90min, em 2017, e disse entender que “a heterossexualidade não só é desejada, mas também tida como valor. Não é simplesmente 'existem aqui heterossexuais'. Há um entendimento de que eles são melhores”.

O cântico “Atirei o pau no Inter (Grêmio)/ E mandei tomar no cú/ Macacada (Gremista) filha da puta/ Chupa rola e dá o cú/ Ei, Inter (Grêmio), vai tomar no cú/ Olê, Grêmio (Inter), olê Grêmio (Inter)” é cantado tanto pela torcida do Internacional

⁵ Disponível em <https://www.bol.uol.com.br/esporte/2023/04/27/como-a-imprensa-cobriu-o-episodio-de-estupro-envolvendo-cuca-na-suica.htm>. Acesso em 30 mar. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/casagrande/2024/03/11/cuca-fez-um-discurso-historico-para-o-futebol-brasileiro.htm#:~:text=Walter%20Casagrande%20Jr.&text=Hoje%20foi%20um%20dia%20hist%C3%B3rico.mulheres%20que%20existe%20no%20futebol>. Acesso em 1 abr.2024.

como do Grêmio (BANDEIRA, 2009). Esse é um dos cânticos que consegue maior unidade nos dois estádios. O colorado ou o gremista representado como inferior é associado à prática da felação e a posição de penetrado em uma prática de sexo anal. (BANDEIRA e SEFFNER, 2013, p. 253).

Em 2022, o ex-jogador Richarlyson se assumiu publicamente como bissexual. Ele se tornou o pioneiro entre os atletas que competiram na Série A do Campeonato Brasileiro e representaram a Seleção Nacional ao abordar abertamente o tema. Agora comentarista esportivo do Grupo Globo, foi alvo de debate público quanto a sua sexualidade por anos. Em uma entrevista⁷ para a Folha de São Paulo em 2008, Richarlyson foi questionado sobre seu jeito de ser, além de ter sido perguntado sobre ir ao salão de beleza e sobre já ter sido cantado por algum companheiro de time. Ainda foi afirmado pelos jornalistas Eduardo Arruda, Márvio dos Anjos e Paulo Galdieri que ele se daria bem no palco, por gostar de aparecer.

De Araújo e Firmino (2023) entendem que o jornalismo esportivo tem o papel fundamental de se envolver em contextos sociais, explorando questões pertinentes ao mundo contemporâneo e desafiando as estruturas de poder estabelecidas. Para as autoras, as ações feitas ainda não satisfazem completamente, porque “a cobertura espetacularizada [...], especialmente no futebol, costuma se direcionar para aspectos relacionados ao entretenimento [...], em detrimento da relação do campo esportivo com demandas históricas, políticas e sociais”. (DE ARAÚJO e FIRMINO, 2023, p. 2).

⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0604200803.htm>. Acesso em 1 abr. 2024.

3 LUTA ANTIRRACISTA

Este capítulo visa analisar e contextualizar as diferentes dimensões das lutas antirracistas, focalizando especialmente no Brasil, na Espanha e no futebol. Busca-se compreender as dinâmicas sociais, políticas e culturais que permeiam esses espaços, destacando as formas de resistência, mobilização e conscientização em relação ao racismo.

No Brasil, país marcado pela diversidade étnica, as lutas antirracistas têm uma longa trajetória, refletindo a persistência das desigualdades e da discriminação racial. Na Espanha, apesar de uma menor diversidade étnica em comparação com o nosso país, existem movimentos e iniciativas significativas que buscam combater o racismo e promover a inclusão.

Além disso, o contexto do futebol, como um fenômeno global e culturalmente influente, oferece uma lente única para examinar as questões raciais, desde os desafios enfrentados por jogadores negros até os esforços para tornar o esporte mais inclusivo e representativo — representatividade que esteve muito viva na figura de Pelé, principal nome do esporte das quatro linhas e que será protagonista de um subcapítulo. Ao explorar esses casos, busca-se compreender as estratégias, os obstáculos e as conquistas das lutas antirracistas em diferentes contextos socioculturais.

3.1 NO BRASIL

Diante dos mais de 490 anos de luta antirracista do povo negro brasileiro, este subcapítulo trará o recorte de três pontos: a criação do Dia da Consciência Negra (1971), a Marcha Zumbi (1995) e a sanção nacional do Sistema de Cotas (2012). Esses acontecimentos estão relacionados entre si e tem seus efeitos percebidos até os dias atuais.

A ideia de se ter um Dia da Consciência Negra no país surgiu em 1971, em Porto Alegre. O Grupo Palmares, uma associação de ativismo político e cultural do movimento negro, enxergou a data da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares, 20 de novembro, como algo que representava de fato a comunidade negra, diferentemente do dia 13 de maio, que era celebrado devido à abolição da escravatura, em 1888. Encabeçados pelo professor e poeta Oliveira Silveira, o grupo passou a promover encontros para debate de vários temas, entre os quais a busca pela unanimidade. A abolição era vista como algo que aconteceu, apenas, no papel. Dessa forma, não havia na lei medidas concretas e práticas a favor do povo

negro. “O Vinte de Novembro, em seu primeiro ato evocativo, de 1971, é um marco divisório no período pós-abolicionista, demarcando, ao mesmo tempo, o início de uma nova época, digamos contemporânea, a do que se convencionou chamar Movimento Negro.” (SILVEIRA, 2003, p. 39).

Dando o devido mérito às iniciativas pioneiras de entidades, grupos e indivíduos nos anos 60, Silveira (2003) traçou a seguinte periodização para a luta antirracista no Brasil ao final do século XX:

- a. 1971-1978: novos rumos e motivações com o surgimento de grupos/entidades negras, além do aumento do uso de termos como “literatura negra” e “imprensa negra”.
- b. 1978-1988: articulação nacional, protestos e reivindicações políticas, culturais e artísticas. Há também a intensificação da criação de semanas do negro e congressos afro-latino-americanos. Essa fase se encerra com o centenário da abolição.
- c. 1988 - presente: conquistas em todos os campos e cobrança de dívidas sociais, com reparações históricas e políticas públicas de ação afirmativa que resultaram, por exemplo, na aprovação do Sistema de Cotas no Ensino Superior do país. O 20 de novembro passa a ser amplamente celebrado e, com muita luta de movimentos sociais, vira efeméride no calendário escolar em 2003, passando a ser data comemorativa em 2011 e oficializando-se como feriado nacional em 2023.

Zorzi (2019) considera a celebração do Dia da Consciência Negra como um marco simbólico e representativo na história brasileira:

A idealização do 20 de novembro como homenagem a Zumbi dos Palmares inaugurou uma nova fase de disputa por este espaço na memória nacional. Ela significou uma retomada do protagonismo negro na sociedade, ao discutir sobre campos simbólicos e sua representatividade. Num país em que mais da metade da população se autodeclara como negra, parece fazer muito sentido lutar por esse espaço, quanto mais quando durante toda a história esse reconhecimento fora negligenciado. (ZORZI, 2019, p. 38).

A data simbólica escolhida pelo Grupo Palmares foi amplamente abraçada por diversos grupos negros antes mesmo de qualquer oficialização no país. Como resultado disso, em 1995 o Movimento Negro Unificado (MNU) organizou a Marcha Zumbi dos Palmares – contra o racismo, pela cidadania e a vida –, em Brasília. Aproximadamente 30 mil pessoas estiveram presentes no evento, que tinha como intuito comemorar o tricentenário da morte do

líder quilombola que dá nome ao festejo. A passeata levantou questões raciais, culturais e econômicas, que, segundo De Almeida e De Souza (2013, p. 273), tinham como objetivo “desconstruir as teorias que trabalhavam o conceito de raça pelo viés biológico, presente nas correntes monogenista e poligenista”.

Nessa marcha, o então presidente Fernando Henrique Cardoso encontrou-se com cerca de 30 representantes de organizações associadas ao ativismo negro para discutir medidas de combate à exclusão social e de promoção da igualdade racial. Assim, foi entregue a FHC o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial, um documento que continha uma análise sobre a disparidade étnica e a manifestação da discriminação racial, com destaque para os assuntos relacionados à educação, à saúde e ao emprego. No que diz respeito às exigências, essas estavam separadas em áreas que, além das mencionadas anteriormente, abrangiam violência, comunicação, território, religião, informação e expressão cultural.

Atendendo ao pedido dos ativistas, ainda em 20 de novembro o presidente Fernando Henrique assinou um decreto que instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (GTI). Esse comitê desempenhou um papel crucial no reconhecimento, por parte do governo brasileiro, da existência do racismo em nossa sociedade. Ademais, visava abordar medidas governamentais⁸ para promover a valorização da comunidade negra, apontando algumas ações como:

- I. propor ações integradas de combate à discriminação racial, visando ao desenvolvimento e à participação da População Negra;
- II. elaborar, propor e promover políticas governamentais antidiscriminatórias e de consolidação da cidadania da População Negra;
- III. reunir, sistematizar, avaliar e divulgar informações relevantes para o desenvolvimento da População Negra;
- IV. incentivar e apoiar ações de iniciativa privada que contribuam para o desenvolvimento da População Negra;

⁸

Disponível

em:

https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/DNN/Anterior_a_2000/1995/Dnn3531.htm#:~:text=DECRETO%20DE%2020%20DE%20NOVEMBRO,Negra%2C%20e%20d%20C3%A1%20outras%20provid%20C3%AAncias.&text=Q%20PRESIDENTE%20DA%20REP%20C3%9ABLICA%2C%20no.que%20lhe%20confere%20o%20art.

Acesso em 20 mar. 2024.

- V. estabelecer diálogo permanente com instituições e entidades, incluídas as do movimento negro, nacionais e internacionais, cujos objetivos e atividades possam trazer contribuições relevantes para as questões da População Negra e seu desenvolvimento.

Para Lima (2010), os resultados da Marcha Zumbi tornaram-se significativos na esfera política nacional com o estabelecimento, em 1996, ainda durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), que, no subitem “População negra” – integrante do item “Proteção do direito e tratamento igualitário perante a lei” –, apresenta sugestões de medidas afirmativas que estão em sintonia com aquelas propostas pelos ativistas um ano antes.

Um acontecimento de esfera mundial incidiria diretamente no contexto brasileiro quando, em 2001, aconteceu a III Conferência Mundial das Nações Unidas Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Durban, na África do Sul. Silvério e Trinidad (2012, p. 895) afirmam que essa conferência foi “fundamental para o estabelecimento de uma série de ações políticas como, por exemplo, as recomendações sobre a adoção das cotas para estudantes negros nas universidades públicas [...]”. Unida aos acontecimentos anteriores e já citados, a convenção foi fundamental para os próximos passos da luta antirracista no Brasil em relação ao sistema de cotas na educação.

Após diversas discussões ao longo dos anos, em 2012 foi sancionada a Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012⁹, que determina a criação de cotas em universidades públicas para a população negra. Para Silva Júnior (2003), a ação afirmativa tem como objetivo aumentar a admissão de estudantes negros nas instituições de ensino superior, que não traz nada de inédito, buscando remediar uma disparidade de longa data, ultrapassar a reserva de vagas exclusivas para brancos e possibilitar que habilidades e aptidões sejam identificadas em condições equitativas, com base no desempenho demonstrado tanto por negros quanto por brancos na sala de aula.

Em 2022, quando a lei completou dez anos de existência, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (Lepes), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),

⁹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em 20 mar. 2024.

realizou um estudo¹⁰ que mostrou o aumento em 205% de ingresso de estudantes pretos e pardos, além daqueles vindos de escola pública, de baixa renda e indígena — outros grupos também incluídos na legislação.

As cotas raciais representam uma das poucas (e ainda insuficientes) respostas dadas pelo Estado brasileiro à secular barbárie produzida contra corpos negros e cujos perversos efeitos seguem, de um lado, naturalizando ausências - de pessoas negras em espaços de poder e decisão -, de outro, normalizando uma necropolítica que condena (quase que inexoravelmente) a existência negra à pobreza, ao subemprego, ao cárcere, à morte prematura, ao *não ser*. (VAZ, 2022, p. 8).

O Dia da Consciência Negra, a Marcha Zumbi e o sistema de cotas são ferramentas essenciais na luta antirracista e na promoção da igualdade racial. Ao destacar a importância da história e cultura afro-brasileira e garantir oportunidades equitativas de acesso à educação e ao emprego, essas iniciativas reforçam a necessidade contínua de enfrentar as desigualdades históricas e construir uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

3.2 NA ESPANHA

Diferentemente do Brasil, a luta antirracista na Espanha, embora muitas vezes eclipsada por narrativas históricas mais dominantes, é uma jornada marcada por desafios e avanços progressivos que, até recentemente, tem se mostradonotavelmente atrasada em comparação com seus vizinhos europeus. Enquanto países como França, Inglaterra e Alemanha têm confrontado mais abertamente as questões de racismo e discriminação, a Espanha, por muito tempo, pareceu hesitar em reconhecer e abordar plenamente essa realidade em sua própria sociedade.

Um estudo da Universidade Complutense de Madri, realizado em 2020, estimou que cerca de 1,5% da população do país era composta por afrodescendentes¹¹, algo em torno de 700,6 mil pessoas. Um número muito baixo em relação aos do Brasil, país com 55,5% de seu povo declarado preto ou pardo¹² — o equivalente a 112,7 milhões de pessoas —, segundo o

¹⁰ Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/08/pesquisa-avaliacao-lei-de-cotas-lepes-acao-educativa.pdf>. Acesso em 20 mar. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/05/sob-sombra-de-racismo-no-futebol-espanha-desconhece-sua-populacao-negra.shtml#:~:text=Assim%20como%20ocorre%20na%20maior.pa%C3%ADs%20n%C3%A3o%20recolhe%20estat%C3%ADsticas%20raciais&text=O%20combate%20ao%20racismo%20e.negros%20e%20estudios%20do%20tema>. Acesso em 21 mar. 2024.

¹² Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela->

Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022. Além da população negra, o número de estrangeiros também é fator determinante na etnografia espanhola. Conforme o Censo Populacional de 2023¹³, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), 12,7% da população tem nacionalidade estrangeira e 17,1% nasceu no exterior. O Marrocos é o país com mais cidadãos habitando a Espanha.

Com o constante fluxo imigratório —grande parte proveniente de conflitos no Oriente Médio e na Ásia —, a população não-branca vem crescendo cada vez mais no país. Em contrapartida, a reação de grande parte da população espanhola é reafirmar sua branquitude por meio de políticas de extrema-direita. É o que acredita o presidente do Conselho para Eliminação da Discriminação Racial ou Étnica (Cedre) do Ministério da Igualdade espanhol, Antumi Toasijé. Em uma entrevista à BBC¹⁴ em 2023, ele afirma que a Espanha “inventou o racismo como conhecemos hoje”. A opinião está diretamente ligada às Cruzadas, expedições europeias religiosas e militares, ocorridas entre os séculos XI e XIII, cujo principal objetivo era reconquistar a Terra Santa, que estava sob o domínio islâmico, para os cristãos. De acordo com Bethencourt (2013), as justificativas para tal ato baseavam-se, dentre outras coisas, em racismo. “O preconceito romano contra a maioria dos povos orientais, considerados escravos naturais, era dirigido não só a esses indivíduos quando em seus ambientes naturais, mas também aos migrantes que viviam em outras províncias ou no centro do império, em Roma.” (BETHENCOURT, 2013, p. 19).

Fanon (1952) produz um panorama sobre a concepção predominante de uma estrutura branca dominante e eurocêntrica em relação a essa herança racista, principalmente na Europa:

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor. (FANON. 1952. p. 109).

[primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Popula%C3%A7%C3%A3o%20preta%20tem%20103%2C9,sexo%20por%20cor%20ou%20ra%C3%A7a. Acesso em 21 mar. 2024.](#)

¹³ Disponível em: https://www.ine.es/prensa/censo_2022_2023.pdf. Acesso em 21 mar. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/05/23/espanha-inventou-racismo-atual-e-tenta-se-provar-branca-diz-convencido-do-governo-espanhol.ghtml>. Acesso em 21 mar. 2024.

A Espanha possui recentes legislações e atos governamentais de combate ao racismo, mas nenhuma que tipifique racismo como crime. Uma das primeiras ações antirracistas foi de cunho não-governamental. A formação da SOS Racismo¹⁵, constituída por organizações autônomas que lutam contra o racismo no país, colocou luz quanto à necessidade de combater esse mal. A partir desse marco, são apontadas as principais movimentações do governo espanhol:

2000 - Observatório espanhol de racismo e xenofobia (OBERAXE): projeto com funções de estudo e análise e com a capacidade de levantar propostas de ação na luta contra o racismo e a xenofobia. Hoje está ligado ao Ministério da Inclusão, Segurança Social e Migrações.

2003 - Conselho para eliminação da discriminação racial ou étnica: organização para a igualdade de tratamento e a não discriminação de pessoas com base na origem racial ou étnica. Atualmente faz parte do Ministério da Igualdade.

2008 - Ministério da Igualdade: pasta responsável por propor e executar políticas de igualdade, destinadas a tornar real e eficaz a igualdade entre mulheres e homens, bem como erradicar as diferentes formas de violência contra minorias sociais.

2020 - Ministério da Inclusão, Segurança Social e Migrações: departamento ministerial com competências sobre a segurança social e as minorias, bem como sobre a preparação e desenvolvimento da política do Governo em matéria de migração, imigração e políticas de emigração e inclusão.

2022 - Lei integral para a igualdade de tratamento e a não discriminação: legislação que visa garantir e promover o direito à igualdade de tratamento e à não discriminação, respeitando a igual dignidade das pessoas.

2023 - Acordo de combate ao racismo, à xenofobia e formas similares de discriminação: compromisso bilateral firmado entre o país e o Brasil. O acordo prevê, dentre outras coisas, assistência jurídica às vítimas que denunciarem casos de preconceito.

¹⁵ SOS Racismo é um nome genérico para designar as diferentes organizações autônomas que se federam na organização Federação das Associações SOS RACISMO do Estado Espanhol e que tem como principal objectivo lutar contra as diferentes manifestações de racismo em Espanha.

Mesmo com a legislação vigente, a situação atual do país europeu é bastante grave. Em 2022, 23 pessoas foram mortas por agentes quando tentavam entrar em Melilla, cidade espanhola ao norte da África que faz fronteira com o Marrocos. Seis meses depois do caso, o Ministério Público da Espanha arquivou a investigação do ocorrido, afirmando não haver indícios de crime na conduta dos agentes envolvidos. Depestre (1977) entende que a crueldade do sistema capitalista para com o corpo negro africano data de tempos antigos, emergindo ainda na atualidade em casos de migração como esse:

O ser humano africano, que o comércio triangular batizou de negro, tornou-se o homem-mineral que garantiu a acumulação primitiva da economia capitalista. Essa reificação absoluta, inerente ao trabalho servil, trouxe como consequência uma forma de alienação que lhe era complementar: o projeto de assimilação pura e simples do colonizado, o desaparecimento do seu ser psicológico, a sua zumbificação. (DEPESTRE, 1977, p. 344).

Os constantes episódios de racismo contra Vinicius Júnior colocaram holofote em um assunto pouco explorado por grande parte da população espanhola. Em junho de 2023, houve uma manifestação organizada por diversos movimentos sociais brasileiros presentes no país. Cartazes com os dizeres “exigimos respeito, justiça e equidade” circulavam pela praça Callao, no centro de Madri. As palavras representam não somente a indignação pelos fatos acontecidos dentro de campo, mas também pelo racismo sofrido por imigrantes. Crimes de ódio aumentaram 5,6% na comparação entre 2021 e 2019. Acima de tudo, aumentaram 13% aqueles de natureza racista e xenofóbica no mesmo período. Os dados são do relatório sobre a evolução dos crimes de ódio na Espanha¹⁶, em 2021.

Bottazzi (2018) entende que os acontecimentos atuais partem de uma ideia social europeia de um “mal menor”, visto como necessário para manter pautas como a segurança, a estabilidade e a ordem.

Na guerra travada contra os migrantes – sobretudo, contra socioeconomicamente fracos, provenientes de países africanos ou latino-americanos - estes instrumentos contribuem para a sua criminalização e medo. É por isso que eles são apreciados e empregados num sistema racista: porque potenciam o processo de desumanização que, com a ajuda essencial da desapropriação dos direitos mais básicos, permitirá ocorrer a última grande violência exercida contra uma pessoa: o seu desaparecimento do ambiente em que você deseja desenvolver seu projeto de vida. É necessário saber o que são as deportações, por que funcionam, a quem respondem e como mudaram ao longo do tempo. (BOTTAZZI, 2018, p. 26).

16

Disponível em: https://www.interior.gob.es/opencms/pdf/archivos-y-documentacion/documentacion-y-publicaciones/publicacion-es-descargables/publicaciones-periodicas/informe-sobre-la-evolucion-de-los-delitos-de-odio-en-Espana/Informe-evolucion-delitos-odio-Espana-2021_126200207.pdf. Acesso em 24 mar. 2024.

A relação xenofóbica e racista da Espanha com imigrantes é um fenômeno complexo, enraizado em questões históricas, políticas e socioeconômicas. Embora haja uma diversidade de experiências entre os imigrantes, muitos enfrentam discriminação sistemática, marginalização e violência.

3.3 NO FUTEBOL BRASILEIRO E EUROPEU

Este capítulo se propõe a discorrer sobre a luta antirracista no futebol sob a perspectiva de dois dos principais polos do esporte no mundo: Europa e Brasil. No velho continente, o aumento de estrangeiros, ocasionado no final do século XX pela Lei Bosman — já tratada nesta monografia —, está diretamente ligado aos casos de racismo e aos atos de antirracismo. No Brasil, o fim tardio da escravidão ocasionou uma lenta adesão negra ao esporte bretão, introduzido no país em 1894.

Francisco Carregal colocou para sempre seu nome na história sendo o primeiro preto a jogar por um clube de futebol brasileiro, em 1905. Lopes (2020) entende o atleta como pioneiro da luta antirracista. Defendeu o Bangu Atlético Clube, do Rio de Janeiro, até a Liga Metropolitana dos Sports Athleticos proibir a participação de atletas negros. Mesmo fora da competição, Carregal seguiu no clube, desenvolvendo outras funções. A perseverança dele refletiu como exemplo nas gerações que se seguiram.

Conhecido como “O Rei do Mineirão”, Reinaldo é um expoente na luta antirracista no futebol. Ídolo do Atlético Mineiro, popularizou a saudação do punho erguido — conhecida como Black Power — no esporte do país. Indo contra as imposições da Ditadura Militar vigente na época, não deixava de se manifestar em favor do movimento negro nas comemorações de seus gols, independente da competição. Os repetidos atos de coragem e orgulho, assim como suas colocações quanto ao regime do momento, renderam a Reinaldo sua saída da lista de convocados da Seleção Brasileira. Para ele, momentos de holofote eram importante para declarações políticas devido ao seu status de ídolo:

Eu tinha esse espaço na mídia e tinha essas tribunas. Eu recebia mais de 500 cartas por dia do Brasil inteiro. Eu era artilheiro do campeonato brasileiro, eu dava essas entrevistas todas. Eu era uma celebridade, andava nas ruas e as pessoas me paravam. Eu era o destaque do futebol brasileiro. Era um momento que eu tinha tudo ali pra falar e eu quis aproveitar justamente esse momento que foi também de muita coragem. E por isso eu também sofri muitas retaliações que acabou até prejudicando a minha carreira. (REINALDO apud COUTO, 2010, p. 15).

O punho cerrado do ídolo inspira até hoje. De Hulk a Vinicius Júnior, o ato é símbolo de resistência negra no futebol e também de referência a Reinaldo. Infelizmente, cenas como essa têm se repetido por conta de diversos casos de racismo, como uma forma de expressão em campo daqueles que sofrem preconceito. Em um estudo feito pelo Observatório Racial do Futebol¹⁷ em 2023, 41,8% dos jogadores de futebol negros afirmaram já ter sofrido racismo, manifestado em forma de insultos, piadas ou ataques. Os estádios são os maiores palcos das discriminações (53,9%), seguidos pelas redes sociais (31,4%), pelos centros de treinamento (11,4%) e pelos hotéis (3,3%). O Rio Grande do Sul é o estado líder em casos registrados.

Segundo o Código Brasileiro de Justiça Desportiva¹⁸, estas são as punições para atos racistas:

Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: PENA: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais). (BRASIL, 2009, p. 88).

O cenário da luta antirracista na Europa está diretamente ligado ao processo de imigração no continente. Atletas estrangeiros e descendentes de estrangeiros são os principais alvos de discriminação. Joya e Martín (2021) entendem que o aumento nos fluxos migratórios e as constantes crises econômicas fomentaram as fortes ondas de extrema-direita que têm acontecido atualmente. Assim, alguns europeus promovem segregação, baseada em uma ideia de superioridade cultural. Como consequência, geram incidentes racistas e intolerância social, classificados por Larralde (2011) como “europeísmo excludente”.

É o caso do belga Romelu Lukaku, descendente congolês. Em 2018, antes de sua estreia na Copa do Mundo, concedeu entrevista¹⁹ ao portal The Players Tribune na qual falou sobre o racismo e a xenofobia que sofria quando cometia erros em campo.

¹⁷ Disponível em https://observatorioracialfutebol.com.br/wp-content/uploads/2023/08/Levantamento_Diversidade_no_Futebol_Brasileiro.pdf. Acesso em 25 mar. 2024.

¹⁸ Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/composicao/orgaos-colegiados/cne/arquivos/codigo_brasileiro_justica_desportiva.pdf. Acesso em 29 mar. 2024.

¹⁹ Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/br/posts/lukaku-carta-tenho-algumas-coisas-a-dizer>. Acesso em 30 mar. 2024.

Quando as coisas corriam bem, eu lia os artigos de jornal e eles me chamavam de Romelu Lukaku, o atacante belga.
 Quando as coisas não corriam bem, eles me chamavam de Romelu Lukaku, o atacante belga descendente de congoleses.
 [...]

 Eu sou belga.
 Somos todos belgas. É isso que faz este país legal, certo?

Honorato e De Freitas (2020) consideram Lukaku uma das vozes mais ativas em relação a pautas étnicas e raciais no futebol europeu. Com o peso de ser um dos principais nomes da conhecida Geração Belga —nome dado aos atletas do país entre 2014 e 2018—, o jogador colocou-se como representante negro em um país bastante racista e sem diversidade em postos de destaque. A herança multiculturalista deixada por Lukaku e companhia ultrapassará gerações. “As equipes de base da Bélgica contam com cada vez mais jovens talentos que carregam em suas origens um passado migrante.” (HONORATO e DE FREITAS, 2020, p. 135).

Na Espanha, a luta antirracista ganhou aliados em 2007, quando foram criadas leis e normas contra casos de racismo em decorrência das constantes manifestações preconceituosas para com o camaronês Samuel Eto’o, então atacante do Barcelona. Pelas regras, casos graves serão multados individualmente em um valor entre € 3 e 6 mil, e o clube envolvido poderá ficar sem usar seu estádio por até dois meses. Episódios considerados muito severos terão punições financeiras entre € 60 e 650 mil, e o time jogará longe de seus domínios por até dois anos. A sanção para torcedores é o banimento dos estádios de seis meses a cinco anos. Tubino (2011) entende o futebol como um reflexo da sociedade. Sendo assim, punições cabíveis no esporte podem incidir positivamente sobre penalidades na esfera comunitária, e vice-versa.

3.3.1 REI PELÉ

Eleito o atleta do século XX pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), Pelé entrou para a história já aos 17 anos, quando venceu a Copa do Mundo de 1958 pelo Brasil. É até hoje é o jogador mais jovem a atingir tal feito. Poucos anos depois, conquistou mais duas copas para o país, em 1962 e 1970. Único jogador tricampeão mundial, foi o primeiro a marcar mil gols na carreira. Extremamente vencedor, tanto por clubes quanto pela Seleção, virou verbete no dicionário em abril de 2023, quatro meses após sua morte. Mesmo com tantos feitos, nem o negro mais famoso do país e um dos mais famosos do mundo escapou do racismo. Souza (2006, p.22) entende que “como consequência da postura de orgulho e defesa

da sua raça no futebol, ele conseguiu amenizar um pouco o preconceito latente daquela época”.

Filho (2003) entende Pelé como um marco para a exaltação do povo preto:

Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer barreiras raciais do que Pelé. Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da Terra. Quem bate palmas para ele bate palmas para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como o avô, como o tio, como os irmãos. Para exatá-los, exalta o preto. Por isso é mais do que um preto: é ‘o Preto’. (FILHO, 2003, p. 16).

Pelé liderou o Brasil em direção a duas conquistas mundiais. Ao longo de sua jornada, fazia questão de reafirmar sua afrodescendência. Filho (2003) afirma que antes de Pelé, a Itália era conhecida por um futebol racista, mas após sua influência, abriu suas portas para a inclusão de jogadores negros nos times. O grande ídolo do futebol transformou o curso do esporte. No campo, demonstrava uma abordagem racional e metódica. Fora dele, demonstrava orgulho da sua identidade, transformando assim a realidade dos seus iguais. “Se Pelé é preto, pode-se ser preto. Quem é preto deve ser preto” (FILHO, 2003, p. 341). Ao reconhecer sua própria existência e reafirmar sua afrodescendência, Pelé se tornou um modelo de perseverança ao mesmo tempo em que alcançava o status de maior jogador de futebol de todos os tempos.

Junto a seu companheiro Garrincha, foi considerado uma prova positiva da miscigenação brasileira nas décadas de 60 e 70. O preto e o mestiço demonstravam o poder de absorção da diferença, seja ela nos saberes, nas culturas ou nos campos. Eles eram a personificação da potencialidade racial do país. Silva (2008) destaca que Pelé era a representação da identidade nacional, em uma época em que estavam sendo deixados para trás os sentimentos de inferioridade: “o personagem Pelé virou símbolo da superação da ideia de que o Brasil era mal sucedido por ser uma nação negra e mestiça, dessa forma incapaz de se igualar às grandes nações europeias.” (SILVA, 2008, p. 36).

Para Filho (1963), o rei do futebol também incide diretamente sobre a autoestima da ascensão negra, visto que esse grupo de pessoas, em sua maioria, buscava o afastamento do que era ser preto, com mudanças nos fenótipos e esquecimento da cor. Com a figura de Pelé, o preto queria ser preto e amava sê-lo. Exaltava a família e as raízes. Admirava sua pele escura, assim como a de seu pai, de sua mãe e de sua avó.

Entre 1995 e 2003, Pelé foi Ministro Extraordinário dos Esportes durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. No primeiro ano no cargo, fez seu discurso²⁰ mais profundo em relação à luta antirracista: "se o negro quer que se tenha uma melhora na sua posição social e uma melhora do Brasil de uma maneira geral, temos de botar a gente no Congresso para defender a nossa raça". O então ex-jogador entendia que esse era um meio direto de melhorar a qualidade de vida desse grupo, como uma maneira eficaz de alcançar a justiça social e a igualdade para os seus. Segundo Barbosa (2020, p. 137), "Pelé deve ser reconhecido politicamente como um ícone negro de sua geração".

3.3.2 RACISMO CONTRA JOGADORES BRASILEIROS

Ao longo da história do futebol, jogadores brasileiros foram frequentemente alvos de ofensas racistas no campo de jogo ou em decorrência de uma partida. Seja dentro ou fora do país, as punições, em geral, mostraram-se nulas ou pouco efetivas. Por outro lado, a consequência para os denunciadores mostraram-se maiores. Para Fernandes (1986), o problema está intrínseco na sociedade:

[...] há um profundo e terrível hiato entre as técnicas de consciência social dos problemas raciais brasileiros e as técnicas que são empregadas para fazer em face das suas consequências (e não para enfrentá-los e resolvê-los, pois eles continuam ignorados nesse nível mais complexo da intervenção). No primeiro plano, a ciência concorre para demonstrar a validade e a consistência do "protesto negro", pondo em evidência as contradições que existem entre as normas ideais e o comportamento efetivo na esfera das relações raciais. No segundo plano, porém, a ciência permanece ignorada: os problemas raciais são congelados ou, então, se proclama que "eles não existem". Em consequência, o conhecimento acumulado torna-se improdutivo. A consciência social é "esclarecida" pela investigação sociológica, mas nem por isso ela se propõe o imperativo de uma transformação radical da realidade. (FERNANDES, 1972, p. 186).

Dentre os inúmeros casos de racismo com atletas do país, alguns se destacaram, seja pelo *modus operandi*, seja pelos efeitos. São eles:

- I. Barbosa (1950): o goleiro da Seleção foi responsabilizado pela derrota por 2 a 1 na final da Copa do Mundo, diante do Uruguai. Conhecido como "Maracanazo", o episódio rendeu ao arqueiro grande desprestígio no futebol, visto que foi considerado culpado tanto pela torcida quanto por parte da imprensa. Em certa oportunidade, falou que pagava "pelo crime" de ter levado o gol da virada dos uruguaios por mais tempo que se cumpria uma pena máxima no Brasil. Barbosa faleceu aos 79 anos sem ter tido

²⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/15/brasil/31.html>. Acesso em 5 abr. 2024.

o perdão do país. O racismo sofrido pelo goleiro se perpetuou no estigma de outros negros na posição: foram 16 anos até que Manga assumisse o cargo e, depois, mais quatro décadas até Dida vestir a amarelinha.

- II. Roberto Carlos (2011): quando defendia o Anzhi, o lateral-esquerdo abandonou a partida diante do Krylia Sovetov, válida pelo Campeonato Russo, após um torcedor rival atirar uma banana em sua direção. O clube adversário apenas pediu desculpas em nota. Depois do caso, o jogador admitiu não ter mais vontade de jogar futebol. Em outra ocasião, ainda no mesmo ano, foi-lhe mostrada uma banana durante um aquecimento pré-jogo. A imprensa russa tratou o caso como isolado e a federação do país não se manifestou. Pelo Real Madrid, da Espanha, também sofreu racismo quando ouviu sons de macacos por parte da torcida do La Coruña, em 2005.
- III. Aranha (2014): parte da torcida gremista chamou o goleiro de macaco, além de reproduzir sons do animal durante disputa entre Grêmio e Santos, pela Copa do Brasil. Com a ajuda da televisão, sete pessoas foram identificadas, mas apenas quatro foram punidas. A pena, sugerida pelo Ministério Público e acatada pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), consistia na obrigatoriedade de comparecimento a uma delegacia em todos os dias de jogos do tricolor gaúcho durante o período da partida, com validade até agosto de 2015, além da proibição de frequentar estádios pelos próximos 720 dias. Nenhum dos torcedores foi julgado pelo crime de injúria racial. No campo esportivo, o Grêmio foi eliminado da Copa do Brasil e recebeu uma multa de R\$ 50 mil. Wilton Pereira Sampaio, árbitro da partida, foi suspenso por 90 dias e multado em R\$ 800 por não ter relatado em súmula as ofensas contra Aranha.
- IV. Tinga (2014): sempre que tocava na bola, o então volante do Cruzeiro ouvia sons de macacos vindos da torcida do Real Garcilaso, em partida no Peru válida pela Copa Libertadores. A Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) puniu o clube com uma multa de US\$ 12 mil, o equivalente na época a R\$ 28 mil. Em entrevista após o caso, Tinga admitiu que não queria ganhar todos os seus 15 títulos e ganhar o “troféu contra o preconceito” por atos como os que lhe ocorreram.
- V. Taison e Dentinho (2019): a dupla brasileira atuava pelo Shakhtar Donetsk, da Ucrânia, quando foi alvo de gestos e gritos racistas por parte da torcida visitante no clássico diante do Dínamo de Kiev. Taison revidou aos atos chutando a bola na direção

dos torcedores e mostrando o dedo do meio a eles. Como consequência, foi expulso. O jogo seguiu normalmente e nenhuma punição foi aplicada.

No futebol, a violência racial é um dos temas mais recorrentes e pouco tratados. O tema é visto pela ótica de que os estádios são espaços à parte da sociedade, como acredita Huizinga (1993), que entende os jogos como uma suspensão temporária da vida comum, onde há uma diferenciação entre agressão “simbólica” e “real”. Isso se mostra verídico quando analisamos as penas aos clubes e torcedores envolvidos nos casos citados acima, em que todas atuam apenas na esfera esportiva. “O aspecto social da conceituação de violência refere-se a que, em um grupo social, alguns vão nomear como violência algo que outros poderão considerar como corriqueiro ou não violento, isso na dependência de fatores culturais” (SEFFNER, 2004, p. 89)

4 CASO #BAILAVINIJR

Vinicius José Paixão de Oliveira Júnior, mais conhecido como Vini Jr, é um jogador de futebol brasileiro que virou pauta constante no mundo esportivo no segundo semestre de 2022 por uma situação fora das quatro linhas. Atacante do Real Madrid, da Espanha, ele foi alvo de críticas racistas e xenofóbicas em um programa de televisão do país ibérico. O episódio ocorreu no programa televisivo de debate esportivo “El Chiringuito de Jugones”, da emissora Mega, no dia 15 de setembro. Na ocasião, Pedro Bravo, comentarista e presidente da Associação Espanhola de Empresários de Jogadores, criticou as danças que o atleta fazia após marcar gols com a camisa de seu clube. Pedro afirmou que Vini deveria “parar de fazer macaquice”²¹ (em espanhol, “*Y dejar de hacer el mono*”). Também disse que, se o jogador quisesse dançar, que fosse a um sambódromo do Brasil. O debate televisivo ocorreu após Koke, atleta do Atlético de Madrid, afirmar que haveria confusão caso o brasileiro dançasse em uma comemoração.

A fala do agente aconteceu durante seu comentário quanto ao clássico que se aproximava entre Real Madrid e o rival Atlético de Madrid. “Você (Vinicius) precisa respeitar o seu rival”, afirmou. O caso ganhou repercussão mundial e gerou nas redes sociais a hashtag #BailaViniJr. Um dia após o ocorrido, Vini postou um vídeo²² em suas redes sociais onde afirma que não irá parar de dançar:

(...) Fui vítima de xenofobia e racismo em uma só declaração, mas nada disso começou ontem. Há semanas, começaram a criminalizar as minhas danças. (...) São danças para celebrar a diversidade cultural do mundo. Aceitem, respeitem ou surtem, eu não vou parar. (...) E o roteiro sempre termina com um pedido de desculpas, ou um 'fui mal interpretado'. Mas repito para você, racista: eu não vou parar de bailar. Seja no sambódromo, no Bernabéu, ou onde eu quiser.

(Vinicius Júnior, 16 de setembro de 2022)

O post feito por meio do Instagram alcançou mais de 83 milhões de reproduções. Diversas pessoas, dentre elas personalidades do futebol como Pelé e Neymar, apoiaram o conterrâneo com mensagens de solidariedade. Com a repercussão, Pedro Bravo usou suas redes sociais²³ para se desculpar e dizer que não teve a intenção de ofender o atleta. Segundo ele, a expressão “fazer macaquice” foi usada “metaforicamente”. Dias depois, o apresentador

²¹ Disponível em: <https://11nk.dev/h2xaw>. Acesso em 5 abr. 2024.

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CilUousIKB-/>. Acesso em 8 de abril de 2024.

²³ Disponível em: <https://11nk.dev/L8mkP>. Acesso em 5 abr. 2024.

do programa “El Chiringuito de Jugones”, Josep Pedrerol também reiterou o pedido de desculpas a Vini, porém afirmou não ter havido racismo²⁴ na fala do colega.

O jogo diante de um dos maiores rivais ocorreu dias depois, em 18 de setembro, no Estádio Metropolitano. Na casa do adversário, o Real Madrid venceu por 2 a 1, com gols do brasileiro Rodrygo e do uruguaio Federico Valverde. Na comemoração do gol que abriu o placar, o compatriota de Vini o chamou para que ambos sambassem juntos. Em uma postagem após a partida, o atacante colocou a foto da dupla celebrando e escreveu na legenda: “Dance onde quiser”²⁵. Apesar da felicidade dentro de campo, fora dele, um fato lamentável. O atleta foi alvo de ofensas racistas antes e durante a partida. Um vídeo mostra alguns *colchoneros*, como são conhecidos os torcedores do Atlético, do lado de fora do estádio entoando a plenos pulmões “é um macaco, Vinicius é um macaco”²⁶.

Em 20 de setembro, o Atlético de Madrid se pronunciou em comunicado oficial²⁷, criticando a postura de parte da sua torcida:

O Atlético de Madrid condena rotundamente os cânticos inadmissíveis que uma minoria de torcedores entoou no exterior do estádio antes do clássico. O racismo é um dos maiores males da nossa sociedade e, desgraçadamente, o mundo do futebol e os clubes não estão livres de sua presença. Nosso clube sempre se caracterizou como um espaço aberto e integrador de torcedores de diferentes países, culturas, raças e classes sociais e uns poucos não podem manchar a imagem de milhares e milhares de atléticos que apoiam o seu time com paixão e respeito ao rival. [...].

(Atlético de Madrid, 20 de setembro de 2022)

Posteriormente, o clube suspendeu três sócios identificados por terem participado dos atos racistas. A LaLiga, o Campeonato Espanhol da Primeira Divisão, denunciou os cânticos ao Comitê de Competição da Federação Espanhola de Futebol (RFEF) e à Comissão Antiviolença, originada a fim de denunciar ações ofensivas durante partidas. Segundo o relatório²⁸ que acompanhou a queixa, aproximadamente 500 torcedores estavam proferindo injúrias a Vinicius na área externa do estádio. Também faz parte da delação a ocorrência dos cantos de “Vinicius morre”, tanto antes quanto depois do jogo.

²⁴

Disponível

em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/09/19/jornalista-pede-perdao-a-vini-jr-mas-diz-que-fala-nao-foi-racista.htm>. Acesso em 8 abr. 2024.

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ciqa5UFuz1x/>. Acesso em 9 abr. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://acesse.dev/Vgmbv>. Acesso em 6 de abril de 2024.

²⁷ Disponível em: <https://www.atleticodemadrid.com/noticias/comunicado-oficial-12>. Acesso em 4 abr. 2024.

²⁸

Disponível

em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/09/22/atletico-x-real-madrid-de-nuncia-da-laliga-chega-a-24-ocorrencias-antes-durante-e-depois-do-jogo.ghtml>. Acesso em 5 abr. 2024.

A mesma denúncia feita pela LaLiga às duas comissões foi feita para o Ministério Público espanhol, que, em dezembro do mesmo ano, arquivou o caso por considerar que os atos "não constituiriam crime contra a dignidade da pessoa afetada", além de entender que os cantos "duraram alguns segundos".

4.1 HISTÓRICO DE DISCRIMINAÇÃO

Além do caso de racismo objeto de análise neste estudo, Vinicius Júnior já sofreu uma série de ataques preconceituosos antes, durante e depois das partidas desde sua chegada na Europa, em 2018. Neste ano, foi vítima até em uma partida em que não estava envolvido. Segue abaixo a linha do tempo dos acontecimentos em ordem cronológica:

1. 24 de outubro de 2021: torcedores do Barcelona gritaram "macaco" para o brasileiro durante clássico no Estádio Camp Nou. A LaLiga apresentou denúncia, porém o caso foi arquivado por falta de identificação dos envolvidos.
2. 14 de março de 2022: parte da torcida do Mallorca fez sons de macaco em direção ao atleta em partida pelo Campeonato Espanhol. A queixa foi arquivada pela Procuradoria de Ódio da cidade de Palma de Mallorca por não abranger "a dimensão penal pública que se postula"²⁹.
3. 30 de dezembro de 2022: diante do Valladolid, o jogador foi chamado de "negro bastardo", "negro macaco" e "negro de merda" por alguns aficionados do adversário. Um processo interno foi aberto pelo clube rival e 11 pessoas foram identificadas e banidas apenas pelo resto da temporada.
4. 26 de janeiro de 2023: a capital espanhola amanheceu com um boneco enforcado em uma ponte, vestindo a camisa de Vinicius antes do dérbi entre Real Madrid e Atlético de Madrid. A polícia espanhola prendeu quatro envolvidos no ato, contudo foram soltos dois dias depois. Eles foram acusados de cometer crime de ódio e atentar à integridade moral, além de terem sido proibidos de entrar em estádios da LaLiga.

29

Disponível

em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/22/veja-todas-as-denuncias-de-racismo-contra-vinicius-junior-em-laliga-nenhuma-punicao-esportiva.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2024.

5. 05 de fevereiro de 2023: novamente um caso com torcedores do Mallorca. Dessa vez, o envolvido foi identificado e punido com uma multa de € 4 mil, banimento em qualquer instalação esportiva durante um ano e perda da carteira de sócio do clube por três anos.
6. 18 de fevereiro de 2023: o atacante foi alvo de xingamentos racistas durante todo jogo contra o Osasuna, em Pamplona, inclusive durante o minuto de silêncio em homenagem às vítimas dos terremotos na Síria e na Turquia. Nenhuma medida foi tomada e os autores não foram identificados.
7. 5 de março de 2023: outra vez Vinicius foi chamado de macaco. Nessa ocasião, por torcedores do Betis, em Sevilha. A LaLiga apresentou denúncia, e a polícia identificou os autores dos insultos, mas nada foi feito.
8. 19 de março de 2023: mais um caso envolvendo a torcida do Barcelona. Ao longo do *El Clasico*, foram ouvidos gritos de “macaco” e “morra” direcionados ao atleta. A LaLiga reportou o acontecimento à Corte de Instrução de Barcelona.
9. 21 de maio de 2023: a partida contra o Valencia ficou paralisada por cerca de oito minutos após Vini acusar parte dos torcedores rivais de chamá-lo de “macaco”. Antes do apito inicial, vídeos mostraram torcedores dos “morcegos”, como é conhecido o time, também proferindo ofensas ao brasileiro. Inicialmente, as autoridades espanholas prenderam três envolvidos, que foram soltos após prestarem depoimento. Eles responderam em liberdade pelo crime de ódio até junho de 2024, quando a Justiça da Espanha os condenou a oito meses de prisão e os baniu dos estádios por dois anos, além de responsabilizá-los a arcar com os custos do processo. Essa é a primeira sentença condenatória desse tipo no país.
10. 21 de outubro de 2023: torcedores do Sevilla foram vistos imitando macacos na arquibancada do Estádio Ramón Sánchez Pizjuán. Pouco tempo depois, um homem foi identificado e expulso do jogo.
11. 18 de janeiro de 2024: antes de mais um clássico entre Real Madrid e Atlético de Madrid, alguns colchoneros entoaram o canto “é um macaco, Vinicius é um macaco”.

12. 1º de fevereiro de 2024: imagens da chegada da equipe do Real Madrid ao Estádio Coliseum Alfonso Pérez, do Getafe, mostram inúmeros torcedores locais gritando “Vinicius macaco”, dentre outras ofensas. A LaLiga denunciou o caso para o Ministério Público espanhol.

13. 13 de março de 2024: nesta ocorrência, sequer o time madridista estava em campo e Vinicius Júnior foi alvo de injúria por parte da torcida do rival Atlético de Madrid. Circulou nas redes sociais um vídeo que mostra algumas pessoas do lado de fora do Estádio Metropolitano cantando “Alé, alé, alé, Vinicius chimpanzé”. O Real Madrid apresentou uma queixa na promotoria do país solicitando as gravações para identificar os responsáveis.

5 COBERTURAS NOS PORTAIS GE.GLOBO E MARCA

Este capítulo trata dos objetos de pesquisa, oferecendo um panorama do ge.globo e do Marca, trazendo suas principais características e suas audiências, fatos que os credenciam como maiores do segmento esportivo no Brasil e na Espanha, seus respectivos países.

Posteriormente, expõe a metodologia que será utilizada nesta monografia, bem como os processos para a produção do *corpus*. Ao final, analisa a cobertura do caso #BailaViniJr pelos portais já citados de forma comparativa e discute os resultados observados.

5.1 GE.GLOBO E MARCA

Fundado em 23 de abril de 2005, o *ge.globo* é o portal de notícias esportivas digital brasileiro Grupo Globo. Anteriormente denominado “globoesporte.com”, chegou ao nome atual após passar uma por alteração na marca há quatro anos. É considerado o principal site de esporte do país, sendo líder de audiência no jornalismo esportivo digital. Segundo dados do Grupo Globo, nos primeiros seis meses de 2023 o jornal atingiu a média de 30,93 milhões de usuários³⁰ únicos por dia.

No site, todo conteúdo de esporte dos canais Globo são inseridos com foco na cobertura diária do futebol nacional, além de conteúdos internacionais e de outras modalidades. A página conta com cinco redações próprias espalhadas pelo Brasil, e também com as afiliadas da TV Globo. A plataforma é pioneira na priorização do torcedor, contando com homes exclusivas de cada time. Outro ponto que se destaca é o Tempo Real, em que acontecem transmissões de jogos e eventos ao vivo, inclusive, em algumas oportunidades, contando com imagens das partidas.

Dentre os princípios editoriais³¹ do portal, estão estes atributos da informação de qualidade: a isenção, a correção e a agilidade. Todo esse trabalho rendeu a conquista do Prêmio iBest no ano de 2022, que é considerada a premiação mais importante da internet brasileira, gloriando anualmente os melhores influenciadores, profissionais e empresas do mercado digital, englobando internet, websites, redes sociais, apps e similares.

³⁰ Dados informados pelo Grupo Globo através de pedido específico para este trabalho. Gráfico anual disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10PJ9yR68U9G9wSF9i6uQTIarF4UwVRZi/view?usp=sharing>. Acesso em 3 jul.2024.

³¹ Disponível em: https://ge.globo.com/principios_editoriais_globo.html. Acesso em 10 abr. 2024.

Já o Marca, com sede em Madri, é o periódico esportivo mais renomado da Espanha e um dos mais influentes do mundo. Foi fundado em 1938 apenas na versão impressa, passando a ter uma plataforma online na metade dos anos 2000. Atualmente, pertence ao grupo de comunicação multimídia Unidad Editorial, que, por sua vez, integra a empresa RCS MediaGroup. A gazeta é líder do mercado jornalístico esportivo espanhol tanto na versão física quanto no site. No primeiro semestre de 2023, teve média de 96,4 milhões de usuários³² únicos por dia, de acordo com dados do Google Analytics.

O jornal tem uma longa história de cobertura abrangente e detalhada dos eventos esportivos locais e internacionais, com um foco particular no futebol, em especial no Real Madrid. Para além disso, uma variada gama de outras modalidades, como basquete, tênis e automobilismo, estão presentes nas notícias, análises, entrevistas, colunas de opinião e estatísticas feitas por meio de um forte conteúdo multimídia, incluindo vídeos, galerias de fotos e transmissões ao vivo de eventos esportivos. Conforme diretriz da empresa detentora³³, o periódico “tem como compromisso social a produção e a difusão de cultura e informação por intermédio do desenvolvimento e inovação de todos os meios de comunicação”.

Graças à sua presença online forte e influente, o Marca desempenha um papel fundamental na disseminação de informações esportivas e no engajamento da comunidade esportiva mundial. Seja para se manter atualizado sobre as últimas notícias ou para desfrutar de análises aprofundadas, o site é uma referência para os amantes do esporte em todo o mundo.

5.2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo busca compreender, mediante uma análise de conteúdo, de que forma o portal brasileiro ge.globo e o espanhol Marca repercutiram o caso #BailaViniJr no período entre 15 e 30 de setembro de 2022. A partir disso, o objetivo é comparar as coberturas de ambos periódicos sobre o ocorrido, mapeando o tipo de texto jornalístico (informativo ou opinativo) mais utilizado, identificando as principais fontes das publicações e observando a presença ou a ausência de aprofundamento contextual nas escritas.

³²

Disponível

em:

<https://dircomfidencial.com/medios/unidad-editorial-aumenta-su-ebitda-un-65-en-el-primer-semester-20230801-0405/>. Acesso em 8 abr. 2024.

³³ Disponível em: <https://unidadeditorial.es/corporativo.aspx?id=corporativa>. Acesso em 10 abr. 2024.

Propõe-se, portanto, utilizar a análise de conteúdo, entendida por Bardin (1977, p. 9) como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) cada vez mais diversificados”. Esse tipo de balanço se dá mediante um conjunto de técnicas de análise textual que visa descobrir os significados latentes e explícitos presentes nos materiais analisados. Ela é especialmente útil para explorar o conteúdo de textos, seja escrito, visual ou oral, de uma maneira sistemática e organizada. Para tal feito, há um método disciplinado e rigoroso para examinar e compreender o conteúdo de documentos, textos, imagens, áudios ou outras formas de comunicação.

Segundo Bardin (1977), são cinco os processos que fazem parte do método de uma análise dessa categoria:

- I. Organização da análise: definição dos objetivos da pesquisa, seleção dos materiais a serem analisados, estabelecendo um sistema de categorização apropriado. Durante essa fase, há uma leitura preliminar dos materiais para que o pesquisador se familiarize com o conteúdo e identifique possíveis questões ou temas relevantes. Nessa etapa foram selecionados os dois portais no período de 15 a 30 de setembro de 2022.
- II. Codificação: identificação das unidades de significado nos materiais analisados, como palavras, frases, conceitos ou temas. Essas unidades são então codificadas de acordo com categorias pré-definidas que podem servir como indicadores das características do texto e que, neste caso, serão: a natureza das reportagens, o tom da cobertura, o enquadramento da narrativa, as principais fontes, a quantidade de detalhes do caso e a posição editorial expressa.
- III. Categorização: realização do agrupamento das unidades de significado codificadas em categorias ou temas com base em suas similaridades e relações conceituais.
- IV. Inferência: investigação dos padrões, relações e significados subjacentes aos dados. Isso envolve a interpretação dos resultados à luz dos objetivos da pesquisa e a formulação de conclusões pertinentes. Durante essa fase, o pesquisador pode identificar tendências, contrastes, associações e insights relevantes para responder às questões de pesquisa.

- V. Tratamento informático: extração de significados mais profundos e inferências sobre o conteúdo por meio da validação dos resultados da análise, podendo haver o uso de técnicas como triangulação (coleta de dados), revisão por pares (análise dos dados) e verificação da consistência dos resultados.

Diante das orientações de Bardin (1977), os materiais utilizados para esta monografia foram coletados nos sites que são objetos desta pesquisa, o ge.globo e o Marca, no período entre 15 a 30 de setembro de 2022, indicando pouco mais de duas semanas do início do caso estudado. O levantamento foi realizado sobre qualquer texto dentro do período que envolvesse as palavras “Vini Jr”, “Vini Júnior”, “Vini Junior”, “Vinicius Jr”, “Vinicius Júnior” e “Vinicius Junior”. Na sequência, a leitura apontou a relação ou não com o assunto pertinente à pesquisa. Como resultado, foram encontrados 31 materiais que serão analisados, sendo 18 do portal brasileiro e 13 do espanhol. Os quadros 01 e 2 apresentam as seguintes informações sobre o *corpus*: título dos textos, autoria e data de publicação, além da identificação para análise, na qual foram escolhidas as nomenclaturas de T1 até T31, em que T significa texto, e os números cardinais correspondem à ordem cronológica das publicações, sendo primeiro listadas todas do ge.globo e, depois, as pertencentes ao Marca.

Quadro 01 - Síntese do corpus da pesquisa de ge.globo

Data	Título	Autoria	Identificação para análise
15/09/2022	Agente de jogadores diz na TV espanhola que Vini Jr. "tem que deixar de fazer macaquice"	Redação do ge — Madri	T1
16/09/2022	Alvo de fala racista por dança, Vinicius Junior recebe apoio nas redes sociais: #BailaViniJr	Redação do ge — Madri	T2
16/09/2022	Pelé, Neymar, CBF e Xavi dão apoio a Vini Jr após polêmica com dança: "Cada um comemora como	Redação do ge — Madri	T3

	quer"		
16/09/2022	Após críticas a Vini Jr, fãs lembram danças de Griezmann que não geraram polêmica	Redação do ge — Madri	T4
16/09/2022	Clubes brasileiros prestam solidariedade a Vinicius Junior, alvo de falas racistas	Redação do ge — de Belo Horizonte	T5
16/09/2022	Vinicius Junior se pronuncia: "Aceitem, respeitem ou surtem. Eu não vou parar de bailar"	Redação do ge — Madri	T6
18/06/2022	Após marcar na vitória do Arsenal, Gabriel Jesus apoia Vini Jr: "Torcendo para que faça gol hoje"	Redação do ge — Brentford, Inglaterra	T7
18/09/2022	Vinicius Junior após vitória do Real Madrid: "Dance onde quiser"	Redação do ge — Madri	T8
18/09/2022	Programa de TV espanhola se desculpa com Vinicius Junior, mas diz que não houve racismo	Redação do ge — Madri	T9
19/09/2022	LaLiga vai denunciar cânticos racistas contra Vinicius Jr antes de Atlético x Real Madrid	Redação do ge — Madri	T10
19/09/2022	Vini Júnior recebe apoio na Seleção após ser vítima de racismo: "Grupo	Raphael Zarko — Le Havre, França	T11

	fechado"		
19/09/2022	Vinicius Junior é chamado de "macaco de m..." por torcedores do Atlético no clássico; veja	Redação do ge — Madri	T12
20/09/2022	Vinicius Junior é chamado de "imaturo esportivamente" em programa na Espanha	Redação do ge — Madri	T13
20/09/2022	Atlético de Madrid condena racismo da torcida contra Vinicius Junior	Redação do ge — Madri	T14
22/09/2022	Fã faz tatuagem para apoiar Vinicius Junior após caso de racismo: "Baila"	Brasil Mundial — Rio de Janeiro	T15
22/09/2022	Atlético x Real Madrid: denúncia da LaLiga chega a 24 ocorrências antes, durante e depois do jogo	Redação do ge — Madri	T16
22/09/2022	Atlético suspende três sócios por racismo contra Vinicius Junior	Redação do ge — Madri	T17
23/09/2022	Seleção levará faixa de apoio a Vini Jr a campo: "Celebrar como brasileiro não tem preço"	Raphael Zarko — Le Havre, França	T18

Fonte: a autora

Quadro 02 - Síntese do corpus da pesquisa de Marca

Data	Título	Autoria	Identificação para análise
16/09/2022	Neymar: "Baila, Vini, baila..."	Juan Ignacio García-Ochoa	T19
16/09/2022	Pelé y Militao defienden a Vinicius y hablan de "racismo"	J. I. Pérez	T20
16/09/2022	El Real Madrid anuncia acciones legales contra las "expresiones racistas"	S. Sigüero	T21
17/09/2022	Vinicius denuncia actitudes racistas en su contra: "No dejaré de bailar"	Mario Cortegana	T22
17/09/2022	Vini, yo quiero verte bailar...	Elías Israel	T23
18/09/2022	Y Vinicius bailó en el Metropolitano	Não Identificado	T24
19/09/2022	Pedrerol le pide perdón a Vinicius: "En España "no hagas el mono" significa no hagas el tonto"	Enrique Corbella	T25
20/09/2022	La presunta amenaza a Vinicius y la contundente respuesta de Pedrerol	J. Mata	T26
21/09/2022	Todas las páginas del diario MARCA de hoy salen en blanco y negro	L. Lara	T27
21/09/2022	Vinicius, tan tranquilo	José Félix Díaz	T28

21/09/2022	Tite se vuelca con Vinicius: "Regatea, baila, brilla y sigue siendo tú"	Mario Cortegana	T29
23/09/2022	La pizarra firmada por Richarlison que representa a Brasil: "Nunca dejéis de bailar"	Mario Cortegana	T30
27/09/2022	Brasil golea y baila contra el racismo	Mario Cortegana	T31

Fonte: a autora

São seis as categorizações definidas para responder ao problema e, conseqüentemente, aos objetivos desta monografia, sejam eles o geral ou os específicos. A primeira é a da **natureza das reportagens**, que se refere ao tipo de abordagem adotada na apresentação do caso. Isso pode incluir reportagens informativas, que se limitam a relatar os fatos de forma objetiva; reportagens opinativas, que incluem o ponto de vista do autor ou da publicação sobre o caso; e reportagens de denúncia, que têm o objetivo de expor injustiças ou irregularidades.

O **tom da cobertura** é a segunda categoria e descreve a maneira como os eventos são retratados. Isso pode variar de uma cobertura positiva, que destaca aspectos favoráveis do caso, a uma cobertura negativa, que enfatiza aspectos desfavoráveis. Entre esses extremos, há também uma cobertura neutra, que se mantém imparcial e apresenta os fatos de forma equilibrada.

A terceira categoria é a do **enquadramento da narrativa**, que diz respeito ao modo como o caso é apresentado e interpretado pela mídia. O caso pode ser enquadrado como um incidente isolado de racismo ou como parte de um padrão mais amplo de discriminação racial. Já o tema das **principais fontes** relaciona-se à identificação das pessoas mais invocadas nas publicações, podendo incluir o destaque dado às diferentes perspectivas envolvidas, como a perspectiva do jogador, do clube, dos torcedores, das autoridades esportivas, entre outros.

A **quantidade de detalhes sobre o caso** é uma categoria que indica a extensão e a profundidade das informações fornecidas em cada reportagem. Enquanto algumas reportagens

podem oferecer detalhes adicionais, como contexto do caso ou entrevistas com especialistas, outras podem fornecer apenas referências básicas.

A sexta e última categoria é a da **posição editorial expressa**, que mostra o ponto de vista ou a posição adotada pela publicação ou autor da reportagem em relação ao caso. Isso pode incluir declarações explícitas de apoio ou condenação, bem como a adesão a determinadas ideologias ou valores.

5.3 ANÁLISE DETALHADA

Começamos então esta análise com as dezesseis publicações do ge.globo. No **T1**, a reportagem é de natureza informativa, apresentando os comentários feitos por um agente de jogadores em um programa de televisão espanhol sobre Vinicius Júnior. O tom da reportagem é neutro, uma vez que há apenas os comentários feitos pelo agente de jogadores sem expressar explicitamente opiniões sobre eles. O texto enquadra o caso como algo isolado, sem destacar explicitamente questões de racismo.

As principais fontes consultadas para obter informações sobre o episódio incluem Pedro Bravo, o homem que fez os comentários, além das informações transmitidas durante o programa de televisão espanhol em que as discriminações foram feitas. A reportagem fornece detalhes sobre as falas feitas pelo agente de jogadores e contextualiza o evento, mencionando que as colocações foram feitas em um programa de televisão espanhol, bem como comenta sobre o histórico de incidentes envolvendo o jogador:

As comemorações de Vinicius Junior, que costuma dançar depois de fazer gols, têm sido tema do noticiário espanhol nos últimos dias. Nesta quinta, Koke, do Atlético de Madrid, afirmou que haverá confusão se o brasileiro celebrar dessa maneira no clássico entre Real Madrid e Atleti que acontece no próximo domingo, pelo Campeonato Espanhol.

(T1, 15 de setembro de 2022)

Por fim, o texto não expressa uma posição editorial clara sobre os julgamentos feitos pelo espanhol. Ele simplesmente relata os fatos sem tomar partido.

Quanto ao **T2**, ele é caracterizado por ser informativo e de linguagem neutra, pois relata o incidente em que Vini Júnior foi alvo de uma fala racista em razão de sua dança durante uma partida de futebol. Tratando o ocorrido como um incidente isolado, a matéria inclui as declarações do atleta, bem como informações coletadas das redes sociais onde a

hashtag #BailaVinijr foi usada para mostrar apoio ao jogador. Quanto aos detalhes, explica como ele foi alvo de uma fala racista devido a sua dança e menciona o apoio que recebeu nas redes sociais por meio da hashtag #BailaVinijr. Nesse também não há uma colocação do online do grupo Globo.

A publicação aqui identificada como **T3** é definida como informativa e imparcial. O enquadramento mostra o fato analisado como algo pontual e baseia-se, majoritariamente, nas postagens de suporte ao brasileiro. “Vini Jr. recebeu apoio em massa nas redes sociais nesta sexta-feira. E também da CBF, do rei Pelé, de Xavi, de Neymar e de outros nomes de peso do futebol.” (T3, 16 de setembro de 2022)

O artigo fornece detalhes suficientes para entender o contexto da polêmica anterior envolvendo as comemorações de Vinicius Jr. com danças ao mesmo tempo em que carece de posicionamento do site.

De caráter informativo, o **T4** traz tom neutro na reportagem e é o único dessa cobertura a enquadrar o fato analisado como parte de um padrão mais amplo de discriminação racial, quando compara a diferença de reação do público às danças de Vini Júnior e Griezmann. As redes sociais aparecem novamente como fonte, ao passo que os detalhes fornecidos são básicos, comparando as críticas dirigidas a ambos atletas, destacando a diferença de tratamento entre os dois. Não há posição editorial clara, apenas o relato dos eventos.

No **T5**, mais uma escrita focada na informação e que não reproduz viés pessoal do(s) autor(es) quanto ao acontecimento. O caso é tratado como isolado, e as fontes são as declarações dos clubes brasileiros em apoio ao jogador. Detalhes do ocorrido são mínimos, com um espaço de apenas seis linhas reservado para um breve resumo. Mais uma vez, o ge.globo não demonstra nenhuma colocação própria.

Vemos no **T6** mais um dos textos informativos de tom neutro do ge.globo nessa cobertura, com um enquadramento que trata apenas do episódio #BailaViniJr. A principal voz é a da vítima, com diversos trechos de seu pronunciamento nas redes sociais. Além disso, traz as falas de Pedro Bravo para lembrar o ocorrido. Contextualmente, há explicações básicas e nenhum posicionamento do site.

A escrita **T7** relata de modo informativo o apoio de Gabriel Jesus a Vinicius Jr. após marcar um gol pelo Arsenal na partida diante do Brentford. Com neutralidade na escrita, a narrativa enquadra o caso como algo pontual e traz Gabriel Jesus como a única fonte. A elucidação dos fatos é praticamente nula, ocupando apenas uma frase e aparecendo em meio a indicações futebolísticas:

Após ser alvo de racismo e xenofobia na Espanha em polêmicas envolvendo suas comemorações com danças, Vini Jr entra em campo pelo Real Madrid neste domingo, às 16h (de Brasília), no clássico contra o Atlético de Madrid, pelo Campeonato Espanhol. O ge acompanha todas as emoções em tempo real.

(T7, 18 de setembro de 2022)

Em suma, a matéria destaca o apoio entre jogadores brasileiros sem expressar apoio ou crítica editorial explícita.

O oitavo texto analisado é, mais uma vez, definido como informativo e neutro. Percebido como um incidente específico, a publicação do **T8** fundamenta-se pelo post do brasileiro em suas redes sociais. Dessa vez, os detalhes trazidos quanto ao episódio de racismo são completos, com um parágrafo contendo a ordem cronológica de tudo. Por outro lado, o online segue sem manifestação própria.

No **T9** permanece a premissa de foco nas informações e na neutralidade, com enquadramento único no caso. Pedro Bravo aparece como a principal voz da notícia, em que enfatiza seu pedido de desculpas a Vini. Posteriormente, o acontecimento é explicitado categoricamente, na ordem dos fatos. Como nos textos anteriores, esse também não contém posicionamento editorial. Da mesma forma, o **T10** segue parâmetros parecidos em boa parte da análise. As únicas diferenças aparecem na fonte — que, neste caso, é a Rádio COPE — e na contextualização, visto que esta é inexistente. Não há sequer uma linha que remonte ao ocorrido.

Nas linhas do **T11**, há poucas distinções quanto às características das outras publicações do portal. Esse *corpus* possui uma abordagem informativa e neutra, destacando o suporte recebido pelo jogador em um ambiente reservado e de confiança. Nela, o incidente de racismo parece isolado e as fontes são os zagueiros da Seleção Brasileira, Bremer e Ibañez. A dupla é a razão da publicação, já que expressa apoio a Vinicius.

– Isso não pode acontecer, no século em que estamos ainda ter racistas. É uma coisa muito ruim, mas o grupo está fechado. Acabei de chegar, mas vi que o grupo está unido, isso nos fortalece ainda mais pelo nosso objetivo – disse Bremer, defensor da Juventus.

(T11, 19 de setembro de 2022)

Os detalhes do episódio são básicos e posicionados em um único parágrafo. Por fim, o artigo segue sem expressar opiniões. Já o **T12** tem os mesmos atributos do texto anterior quanto ao caráter informativo e o tom neutro. Ele não demonstra um padrão mais amplo de racismo na questão e traz tudo sob a perspectiva das notícias da emissora espanhola Gol Television. As minúcias do incidente são completas, com explicação temporal de tudo. Ainda não há colocação do webjornal.

Percebendo um possível padrão na cobertura de ge.globo quanto ao caso #BailaViniJr, a partir daqui, as publicações brasileiras que forem de caráter informativo e de tom neutro, bem como que não expressem nenhuma posição editorial não serão indicadas, uma vez que essas categorias se tornarão repetitivas pela frequência em que aparecem. Caso haja exceções, serão sinalizadas. Os temas enquadramento da narrativa, principais fontes e quantidade de detalhes do caso seguirão sendo destacados.

Continuemos então com o **T13**, intitulado “Vinicius Junior é chamado de “imaturo esportivamente” em programa na Espanha”. Nele, há a chance de emoldurar o fato como parte de um padrão mais amplo de discriminação racial, mas isso não é feito. Tudo é tratado como fato isolado. Os comentários de outras pessoas no programa “El Chiringuito de Jugones” são o que baseiam a narrativa, que expressa uma elucidação simples das coisas. Aqui, é a primeira vez que o site apura algo por conta própria. “Ao ge, pessoas ligadas ao jogador reiteraram que o atacante se posicionou contra um comentário de um convidado da TV, não ao programa.”

(T13, 20 de setembro de 2022)

A reportagem **T14** traz como única fonte a nota de condenação do racismo emitida pelo Atlético de Madrid, na qual o clube repudia os atos cometidos por sua torcida. Os acontecimentos noticiados pela página de internet seguem sem esclarecer todo o histórico de perseguição sofrido pelo brasileiro na Espanha. Os pormenores dos acontecimentos estão bem esclarecidos cronologicamente, mas com pouco aprofundamento.

O **T15** caracteriza-se por ser uma matéria baseada em postagens do Instagram. Um fã carioca fez uma tatuagem em forma de apoio a Vinicius Junior após caso de racismo e virou

pauta. O caso #BailaViniJr é enquadrado como um incidente isolado. É a primeira vez que um texto não conta com informações complementares vindas de outros veículos e/ou notas de pessoas e clubes. Por sua vez, há uma quantidade mínima de detalhes do caso.

Com o título “Atlético x Real Madrid: denúncia da LaLiga chega a 24 ocorrências antes, durante e depois do jogo”, o **T16** segue a linha do resto da cobertura brasileira em não referenciar o caso como algo mais amplo no cenário racial europeu. Nesse material, todo conteúdo debruça-se sobre o relatório da liga espanhola, e não há nenhuma elucidação quanto aos fatos anteriores aos cânticos no estádio.

A notícia de que três sócios do Atlético de Madrid foram suspensos pelo clube após insultarem o Vini Júnior está presente no **T17**. O enquadramento mostra o fato analisado como algo pontual e está fundamentado nas informações do diário madrileno “As”. Quanto aos detalhes de contexto, podem ser considerados mínimos, visto que tratam o caso de maneira incompleta por não relembrar todos os acontecimentos desde o início.

No relatório enviado por LaLiga ao Comitê de Competição da Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF), a entidade informa 24 ocorrências de gritos racistas antes, durante e após o jogo. No documento, a liga aponta que, no vídeo capturado nos arredores do Estádio Metropolitano, cerca de 500 torcedores do Atlético de Madrid chamam Vinicius Junior de macaco. A emissora Gol Television também captou gritos de “Morra, Vinicius!” durante o aquecimento, dentro do estádio, e flagrou o momento em que o brasileiro é chamado de “macaco de merda”.

(T17, 22 de setembro de 2022)

Por fim, o último texto do ge.globo dentro do período de análise é o **T18**, que acompanha o restante da cobertura brasileira na informatividade, neutralidade, exclusão das injúrias raciais de um contexto maior e falta de posição editorial expressa. Tite, o então técnico da Seleção Brasileira, é a principal fonte da matéria. Suas respostas de apoio a Vini em uma coletiva de imprensa em setembro de 2022 sustentam a publicação. Todas as circunstâncias do acontecimento até o momento da entrevista com o treinador não foram abordadas. O único ponto rememorado foi o racismo cometido por Pedro Bravo no princípio de tudo.

A partir desse ponto, passa a ser feito o estudo dos textos do jornal Marca. Portanto, todas as seis categorias voltam a ser explicitadas. O **T19** caracteriza-se por sua natureza informativa e tom neutro em relação às diversas mensagens de apoio enviadas a Vini pelos seus companheiros brasileiros. A primeira publicação espanhola analisada não enquadra o

caso como racismo e muito menos cita a principal fala injuriosa de Pedro Bravo: “parar de fazer macaquice”. Há apenas menção a uma legenda feita pelo jogador Reinier. O jornal, em nenhum momento, constata a problemática do que foi dito, tanto que não existe registro das declarações preconceituosas como notícia, só a reação ao acontecido.

Reinier Jesús, agora nas fileiras do Girona, também quis mostrar o seu apoio a Vini. “Estamos com você, Vini. O lugar do racista deveria ser na prisão.” As palavras de Reinier são uma resposta às declarações de Pedro Bravo no *El Chiringuito*, que garantiu que Vinicius deve parar de brincar. Depois o presidente da Associação Espanhola de Agentes de Jogadores (AEAF) retratou-se.

(T19, 16 de setembro de 2022)

As postagens de suporte dos atletas brasileiros são o que sustentam a matéria, que tem mínima quantidade de detalhes do episódio e não possuiu posição editorial expressa. A publicação ainda conta com uma enquete nomeada “O que deve fazer Vinicius se marcar um gol no Metropolitano?”. Mais de 65 mil votos resultaram em 94% de pessoas afirmando que ele deveria “celebrar como sempre, dançando”.

Figura 01 – Enquete sobre as danças de Vinicius Júnior.



Fonte: reprodução de Marca (2022)

O T20 segue a mesma linha do *corpus* anterior quanto à classificação e à tonalidade da reportagem, vozes e postura do Marca. Uma diferenciação está no enquadramento que, além de seguir não expondo abertamente se tratar de algo racista, proferindo isso apenas por meio

das colocações de terceiros, utiliza de aspas, como é o caso do título “Pelé e Militão defendem Vinicius e falam em “racismo”” e do seguinte trecho: “A lenda brasileira foi acompanhada por seu compatriota e atual companheiro de equipe no Real Madrid, Eder Militão, que também falou de “racismo” em sua mensagem de apoio no Twitter.”(T20, 16 de setembro de 2022)

Outro ponto de divergência entre as escritas está na quantidade de detalhes, que nesse caso é mínima, visto que não cita as declarações de Pedro Bravo no programa “El Chiringuito de Jugones”. No **T21**, há a continuação de um padrão que parece se repetir na cobertura espanhola: a não colocação do caso como racismo por parte do Marca, que permanece utilizando aspas para se referir à polêmica. Todo foco é nas danças e comemorações do brasileiro. As categorias são semelhantes às demais já relatadas, apenas com variação para o comunicado do Real Madrid como razão da publicação, além de poucas minúcias do incidente.

Podemos ver a palavra racismo não sendo usada entre aspas no **T22**. Nele, o pronunciamento de Vinicius em vídeo repudiando atitudes preconceituosas contra ele é trazido como fonte, contendo também as falas na íntegra. Informativo, dentro da neutralidade já conhecida e sem declarações próprias, o Marca segue sem contextualizar o caso. Dessa vez, nenhuma citação a Pedro Bravo e apenas um texto genérico que não remonta ao acontecido. “Vinicius Junior (22 anos) vem se consolidando como um representante global atuante na luta contra o racismo e a xenofobia. O carioca tem repetidamente condenado em nível público diferentes atitudes deste tipo”. (T22, 17 de setembro de 2022)

O **T23** é o primeiro texto de natureza opinativa entre os já examinados. O colunista Elias Israel traz sua visão quanto aos acontecimentos em tom negativo às críticas pelas comemorações do atleta brasileiro, mas ainda sem perceber tudo como algo injurioso. Sendo assim, quanto ao racismo sofrido por Vini, a neutralidade impera nas páginas do site. Detalhes do caso não existem, visto que tudo se resume às comemorações.

Assim como gostaria de ver João Félix e Cunha, como fizeram contra o Celta há apenas duas semanas, como já vi Griezmann fazer tantas vezes, antes e depois dos 63 minutos, fora e em casa. Acho que Koke teve azar ao sugerir que “ele ia se envolver”, seja na arquibancada ou em campo, se Vinicius comemorasse um gol no clássico, como costuma fazer. Dançar na comemoração de um gol não é uma provocação, é uma exaltação de alegria, muitas vezes irracional, como é tirar a camisa, sabendo que traz um alerta.

(T23, 17 de setembro de 2022)

Com o título “E Vinicius dançou no Metropolitano”, o **T24** trata claramente do racismo sofrido por Vinicius, percebendo ser algo, também, xenofóbico. A publicação tem traços opinativos, contendo neutralidade em abordar as questões pertinentes ao caso. A contextualização é insignificante e genérica, bem como suas fontes são fatos da partida entre Real Madrid e Atlético de Madrid, combinados com os pensamentos do escritor não identificado.

Continuando sem citar a frase injuriosa de Pedro Bravo, o **T25** apresenta as desculpas do jornalista Josep Pedrerol em nome do programa esportivo da Espanha. Nesse texto informativo e neutro, o enfoque segue desviando das injúrias raciais: “Josep Pedrerol, apresentador do programa 'El Chiringuito', pediu desculpas pelas polêmicas declarações de Pedro Bravo nas quais disse que Vincius deveria parar de "atuar" depois de sua dança contra o Mallorca”. (T25, 19 de setembro de 2022). Todo entendimento problemático é posto nas acusações de terceiros, e as circunstâncias do acontecido são pouco expressas em dois parágrafos curtos.

Depois de sete publicações analisadas, o **T26** é a primeira na qual os espanhóis colocam a frase “fazer macaquice” na íntegra. A notícia principal é a informação do jornalista Iñaki Angulo de que o programa havia ameaçado Vinicius Júnior caso ele publicasse seu vídeo contra o racismo. De teor informativo e neutro, o enquadramento é de um caso isolado de racismo. Como ponto positivo, destaca-se os detalhes completos do caso explicitados cronologicamente.

“Todas as páginas do jornal MARCA de hoje aparecem em preto e branco” é o título dado ao **T27**, matéria que demonstra posição editorial expressa contra o racismo.

A sociedade espanhola reagiu rápida e unanimemente para condenar inequivocamente o que aconteceu. Desde o próprio Atlético de Madrid, que emitiu um duro comunicado anunciando medidas drásticas para identificar e expulsar imediatamente do clube as pessoas envolvidas neste execrável acontecimento, até ao Congresso dos Deputados, onde na terça-feira todos os grupos parlamentares deixaram de lado as suas diferenças ideológicas e concordaram em assinar conjuntamente um manifesto de “rejeição absoluta à violência, ao racismo, à xenofobia e à intolerância no desporto e em qualquer outro campo

MARCA quis juntar-se a este clamor social e, por isso, a edição em papel do jornal desta quarta-feira é publicada da primeira à última página a preto e branco. Com este gesto a MARCA quer mostrar a sua mais absoluta rejeição ao racismo tanto no desporto como na sociedade.

(T27, 21 de setembro de 2022)

Para além desse marco importante na cobertura do site, o texto traz pontos que divergem do restante dos materiais, com opinião e, acima de tudo, tom negativo em relação à injúria racial sofrida por Vini Júnior. O incidente ainda assim é tratado como algo isolado e pouco explicado, porém já demonstra um entendimento da gravidade do assunto.

O **T28** é mais um texto de opinião espanhol, algo bastante frequente até aqui. Com nenhum detalhe das discriminações sofridas pelo jogador, o colunista José Félix Díaz percebe Vinicius tranquilo: “No início ficou algo impressionado com as críticas e algumas zombarias que recebeu, mas sentindo-se sempre apoiado pelos dirigentes da entidade madrilena” (T28, 21 de setembro de 2022). A palavra racismo aparece apenas na legenda do vídeo de resposta do brasileiro. No decorrer da matéria, nenhum ponto quanto ao acontecido.

Figura 02 – Vídeo de Vinicius Júnior com legenda contendo a palavra racismo.



Fonte: reprodução de Marca (2022)

Tite, então técnico da Seleção Brasileira, é a principal fonte do **T29**. Suas colocações e a defesa de Vini estão postas nessa matéria informativa de tom neutro. Toda conjuntura dos preconceitos aparece de forma ínfima, em um âmbito de caso isolado de racismo. Como parece ser costume, há muita ênfase nas danças das comemorações de gols.

A publicação aqui identificada como **T30** é informativa e isenta, além de curta. A matéria toda ocupa apenas dois parágrafos que sequer elucidam as injúrias ocorridas.

A torcida brasileira está com Vinicius, com a dança, com a alegria. Nos arredores do estádio Océane, os torcedores canarinhos se deram a conhecer com música e dança ao ritmo do samba antes do amistoso contra Gana.

Dois desses fãs, residentes de Le Havre, usavam orgulhosamente uma placa com o lema “Nunca pare de dançar”. O segredo daquela placa, porém, estava no fundo onde Richarlison, uma das estrelas da seleção brasileira, carimbara sua assinatura em aprovação.

(T30, 23 de setembro de 2022)

Última matéria desta análise, o **T31** é intitulado “Brasil se debate e dança contra o racismo”. De cunho informativo e neutro, a publicação traz um cenário de preconceito isolado, bem como pouco aprofundamento nas minúcias do caso. Para além dos movimentos do amistoso entre Brasil x Tunísia, também apresenta o protesto feito nas redes sociais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) quanto ao racismo sofrido pelo atleta Richarlison durante a partida. O conteúdo não possui posição editorial expressa do portal Marca.

5.4 INTERPRETAÇÃO DE PADRÕES

Este subcapítulo fundamenta-se em discutir os resultados obtidos a partir da codificação feita anteriormente. Foram examinados 18 textos do ge.globo e 13 do Marca a partir de seis categorias já citadas. Na primeira delas, a de natureza das reportagens, os seguintes resultados foram adquiridos, considerando que os números apresentados correspondem à quantidade de publicações observadas dentro de determinada característica.

Quadro 03 - Natureza das reportagens do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca

NATUREZA DAS REPORTAGENS	GE.GLOBO	MARCA
Informativa	18	9
Opinativa	0	4

Fonte: a autora

A partir das informações acima, é possível concluir que todas as matérias do portal ge.globo são de natureza informativa, clara e objetiva, enquanto o Marca deu espaço para manifestações de colunistas que, segundo a revisão teórica, são opinativas.

Quanto ao tom da cobertura, percebe-se um alinhamento à neutralidade por parte dos brasileiros, ao passo que os espanhóis destacaram negativamente o racismo sofrido por Vinicius Junior em uma oportunidade. Nas outras vezes, o tom da cobertura segue imparcial.

Quadro 04 - Tom da cobertura do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca

TOM DA COBERTURA	GE.GLOBO	MARCA
Positivo	0	0
Neutro	18	12
Negativo	0	1

Fonte: a autora

No que se refere ao enquadramento da narrativa, o ge.globo tem apenas uma matéria que remete ao racismo sofrido pelo jogador como algo que faz parte de um padrão mais amplo, quando compara a diferença de tratamento para as danças dele e as do francês Antoine Griezmann, porém é importante salientar que a percepção parte de discussões na internet. No mais, o site trata o caso como algo isolado e ignora toda sequência anterior de preconceitos já praticados contra Vini na Espanha.

Em contrapartida, o Marca majoritariamente sequer entende o ocorrido como racismo. Na maioria das vezes, a palavra é usada entre aspas, e isso se deve ao posicionamento de terceiros em relação aos fatos. A discriminação aparece como coadjuvante na cobertura. O foco dos espanhóis é em tratar das danças comemorativas pós-gol, visto que, por exemplo, a declaração inicial de Pedro Bravo não ganhou espaço no jornal — um claro sinal de que não foi compreendida como problemática. Ademais, a frase proferida pelo agente (“deixar de fazer macaquice”) apareceu apenas uma vez nas páginas do website.

Quadro 05 - Enquadramento da narrativa do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca

ENQUADRAMENTO DA NARRATIVA	GE.GLOBO	MARCA
Incidente isolado	17	5
Parte de um padrão mais amplo de discriminação racial	1	0
Não cita o caso como racismo	0	8

Fonte: a autora

As principais fontes do jornal brasileiro são pessoas e clubes fazendo declarações por meio das redes sociais. Na sequência, são mostrados jogadores e treinadores em entrevistas, além de comentários no programa “El Chiringuito de Jugones”. Há dois pontos destacáveis: a falta de apuração própria e a ênfase na fala racista de Pedro Bravo em detrimento das colocações de Vini aos ataques. Este demonstra que as palavras injuriosas do agente espanhol foram lembradas em oito oportunidades, enquanto o pronunciamento corajoso do jogador apareceu três vezes; aquele indica a falta de investigação e interesse em novos desdobramentos dos fatos.

Quadro 06 - Principais fontes do caso #BailaViniJr na cobertura do site ge.globo

PRINCIPAIS FONTES	QUANTIDADE DE VEZES QUE APARECEM
Vinicius Júnior	2
Pedro Bravo	2
Comentários no programa “El Chiringuito de Jugones” (exceto Pedro Bravo)	4
Pessoas/clubes através das redes sociais	5
Jogadores/treinadores em entrevistas	4
Meios de comunicações da Espanha	3

Pessoas próximas a Vinicius Júnior (apuração)	1
Atlético de Madrid (nota)	1
LaLiga (relatório)	1

Fonte: a autora

Do lado espanhol, há uma diversidade maior no uso de fontes. As afirmações nas redes sociais evidenciam-se como a principal forma de informação, porém outras vezes também são evocadas. É importante destacar a falta de apuração própria nos textos analisados.

Quadro 07 - Principais fontes do caso #BailaViniJr na cobertura do site Marca

PRINCIPAIS FONTES	QUANTIDADE DE VEZES QUE APARECEM
Pessoas/clubes através das redes sociais	2
Real Madrid (comunicado)	1
Vinicius Júnior	1
Comentários no programa “El Chiringuito de Jugones” (exceto Pedro Bravo)	1
Meios de comunicação/jornalistas da Espanha	1
Jogadores/treinadores em entrevistas	1
Torcedores	1
CBF (nota)	1

Fonte: a autora

Para o ge.globo, a quantidade de detalhes do caso #BailaViniJr é realizada de forma básica. Alguns contextos são trazidos cronologicamente, porém sempre faltando alguma parte. A explicação temporal completa envolvendo desde a manifestação do zagueiro Koke até os cânticos no Estádio Metropolitano acontece em apenas duas ocasiões. Já o Marca raramente especifica todas as ações envolvidas na questão, visto que utiliza menos de duas linhas para elucidações que não conectam todos os pontos do problema. Assim, nota-se que o não

entendimento da gravidade das discriminações incidem diretamente no modo como a história é contada.

Quadro 08 - Quantidade de detalhes do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca

QUANTIDADE DE DETALHES DO CASO	GE.GLOBO	MARCA
Completo	2	1
Básico	9	1
Médio	1	0
Mínimo	3	6
Inexistente	3	5

Fonte: a autora

A última categoria abarca a posição editorial expressa dos portais. O brasileiro não teve nenhuma declaração própria nas 18 publicações observadas. Por outro lado, os espanhóis marcaram sua condenação ao racismo e apoio explícito a Vini em uma matéria denominada “Todas as páginas do diário Marca de hoje saem em preto e branco”. Nas demais, não há indícios de opiniões editoriais declaradas.

Quadro 09 - Posição editorial expressa do caso #BailaViniJr nas coberturas dos sites ge.globo e Marca

POSIÇÃO EDITORIAL EXPRESSA	GE.GLOBO	MARCA
Condenação ao racismo/apoio explícito a Vini	0	1
Nenhuma	18	12

Fonte: a autora

Ao final desta análise, é possível concluir que a cobertura de ge.globo pode ser considerada, em linhas gerais, como de natureza informativa, tom neutro, enquadramento do incidente como racismo isolado, baseado em declarações de pessoas e clubes por meio das redes sociais, com detalhes básicos do caso e sem nenhum posicionamento do portal.

Já o Marca traz o mesmo apreço pela informação, bem como pela neutralidade, porém não concebe os fatos como discriminatórios, resultando em uma contextualização mínima dos acontecimentos. As principais fontes seguem sendo as afirmações em mídias online, que resultam em materiais sem colocações editoriais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As coberturas dos portais *ge.globo* e *Marca* sobre o caso #BailiaViniJr expõem o despreparo da imprensa esportiva quanto ao trato do racismo. A mídia desempenha um papel crucial na comunidade como mediadora dos eventos, supostamente comprometida com a salvaguarda dos direitos humanos e civis. No entanto, de acordo com Araújo e Firmino (2023), é necessário ponderar se esses princípios são efetivamente aplicados pelos profissionais da comunicação em suas respectivas plataformas diárias.

A maneira como o evento foi reportado pelos veículos é decepcionante. O *ge.globo* não faz análise contextual dos fatos, não condena os atos e não se posiciona contra eles. Com bastante apego à falsa ideia de jornalismo imparcial, o diário não se manifesta em apoio a algo grave envolvendo um conterrâneo. Já o *Marca* apresenta problemáticas maiores ao sequer mencionar o racismo na maioria de suas publicações. Em compensação, são interessantes as reportagens opinativas e, principalmente, a posição editorial expressa em apoio a Vini. Além disso, ambos os sites usam o brasileiro como fonte apenas na sua manifestação, não tendo êxito em procurar outras versões por parte do atleta.

Quanto aos materiais feitos pelo meio de comunicação europeu, é importante salientar o retrógrado contexto local. A Espanha, como muitos outros países, ainda enfrenta uma profunda falta de conscientização e compromisso institucional para lidar com o racismo. Por consequência, a cobertura suscita críticas significativas ao adotar uma postura que, em certos momentos, tenta minimizar a gravidade do ocorrido. Essa abordagem questionável não apenas falha em reconhecer a dimensão do racismo no futebol, mas também perpetua um ambiente onde tais comportamentos são tolerados, como afirmam Bandeira e Seffner (2013).

Em uma análise geral, e respondendo aos objetivos específicos desta monografia, foi mapeado que o gênero jornalístico mais utilizado pelos jornais foi o informativo. Os textos usados na cobertura do caso de racismo apresentam a descrição dos eventos ocorridos, as reações do jogador e dos clubes, e as medidas tomadas pelas autoridades esportivas e governamentais. Ambos os veículos tratam o assunto com imparcialidade, em um apego extremo ao falso ideal de isenção jornalística.

Em relação às principais fontes, destaca-se o uso de declarações na internet. Isso demonstra o atual desafio enfrentado pela categoria com o uso crescente das redes sociais

como vozes primárias de informação, resultando muitas vezes em uma averiguação preguiçosa e/ou não realizada. Dentre todas as matérias, apenas uma cita uma apuração relacionada ao Vinicius Júnior, baseada em pessoas próximas a ele.

Outro ponto é sobre o aprofundamento contextual do caso nas publicações. Foram a maioria as matérias que continham explicações dos acontecimentos de forma básica e sucinta, deixando de fora uma ou mais informações que se encontravam no fato. A adesão a uma linha do tempo completa ocorreu em poucas oportunidades, permitindo assim que a história tivesse algumas lacunas, sendo esse último ponto prejudicial para uma narrativa esclarecedora da ordem dos fatos, que inteira o leitor de todo episódio.

A hipótese da pesquisa, que previa uma cobertura menos enfática do caso de racismo contra Vini Júnior pela mídia espanhola, confirmou-se ao analisar os conteúdos veiculados. Observou-se uma tendência, em alguns meios espanhóis, de minimizar a gravidade do incidente, ignorando a discriminação ocorrida. Em contraste, surpreendeu negativamente o fato de que o ge.globo, embora adotasse uma postura informativa e detalhada, não explorou profundamente o assunto nem expressou um apoio explícito ao jogador, mantendo uma abordagem mais neutra e menos engajada do que o esperado, considerando especialmente o impacto do racismo no futebol e a importância de um posicionamento firme contra tal preconceito, em particular por se tratar de um atleta brasileiro.

Tanto espanhóis quanto brasileiros mostraram-se como um reflexo do despreparo do jornalismo desportivo em abordar questões para além do campo de jogo. Ao invés de usarem suas influências para promover uma discussão construtiva e uma reflexão sobre a persistência do racismo no esporte, ambos optaram por narrativas que, em alguns casos, pareciam desviar a atenção do cerne da questão. Essa atitude contribui para uma cultura de impunidade e complacência em relação aos preconceitos no esporte, minando os esforços de combate a esse problema sistêmico. É importante que veículos de mídia tão proeminentes assumam uma postura mais responsável e comprometida com a denúncia e erradicação do racismo.

O jornalismo esportivo enfrenta o desafio crucial de liderar e sustentar um debate enérgico e incisivo contra o racismo, a discriminação e o preconceito em geral. Para que esse debate seja eficaz e genuinamente inclusivo, é essencial acompanhar os ideais de Maluly (2017) e aprofundar o tema, explorando suas raízes, manifestações e consequências de forma abrangente e sensível. Além disso, é fundamental que o meio promova uma representação

mais diversificada em suas equipes, aumentando significativamente o número de profissionais negros e negras em todas as áreas do campo.

A inclusão de mais vozes e perspectivas pretas não apenas enriquece a cobertura jornalística, trazendo novos insights e sensibilidades para as pautas, mas também contribui para uma representação mais justa e precisa da realidade do esporte e da sociedade em geral. Essa diversidade de vozes é essencial para garantir que a mídia cumpra seu papel como um agente de mudança social positiva, desafiando estereótipos, combatendo o preconceito e promovendo uma cultura de respeito, igualdade e inclusão.

Portanto, é imperativo que o jornalismo esportivo siga os princípios de Dos Santos (2021) e não apenas reconheça sua responsabilidade no combate ao racismo, mas também adote medidas concretas para promover uma representação mais inclusiva e diversificada, tanto em suas equipes editoriais quanto em suas abordagens de cobertura. Somente assim poderemos garantir que o esporte e suas narrativas sejam verdadeiramente reflexos da diversidade e da riqueza da experiência humana.

7 REFERÊNCIAS

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **El Periodismo deportivo em la sociedad moderna Madrid**: El autor, 1980.

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.

ARRUDA, Eduardo; DOS ANJOS, Márvio; GALDIERI, Paulo. "**Meu jeito de ser incomoda muito**", diz Richarlyson. 2008. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0604200803.htm>> Acesso em: 15 mar. 2024.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, Gênero, Masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Revista Espaço Plural**, Paraná, v. XIV, ed. 29, p. 246-270, 5 ago. 2014.

BARBOSA, Nathan Pereira. Raça, futebol e identidade nacional: disputas e atualizações da memória em torno das narrativas biográficas de Pelé. **Revista Escritas do Tempo**, Marabá, v. 2, ed. 4, p. 133-159, 30 jun. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 1977.

BERABA, Marcelo. **A imprensa no caso Grafite**. 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om2404200501.htm>> Acesso em: 14 mar. 2024.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: Das Cruzadas ao século XX**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2013.

BOTTAZZI, María Florencia. Os desafios da democracia pluralista enfrentando o ressurgimento do racismo. **36º Curso Anual de Derechos Humanos**, Barcelona, 9 abr. 2018.

CASAGRANDE, Walter. **Cuca fez um discurso histórico para o futebol brasileiro**. 2024. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/casagrande/2024/03/11/cuca-fez-um-discurs-o-historico-para-o-futebol-brasileiro.htm>> Acesso em: 15 mar. 2024.

COELHO, Paulo Vinicius. **A Bola Não Entra Por Acaso**: O que você precisa saber sobre futebol. São Paulo: Panda Books, 2011.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 3ª. ed. [S. l.]: Contexto, 2003. 120 p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIII., 2010, Rio Grande do Sul. **Jornalismo esportivo – desafios e propostas** [...]. Caxias do Sul: [s. n.], 2010. p. 1-16.

CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, XXIII., 2018, Belo Horizonte. **A Espetacularização Midiática Na Cobertura Do Futebol** [...]. Uberaba: [s. n.], 2018. p. 1-11.

COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). **Recorde: Revista de História do Esporte**. UFRJ . volume 3, número 1,P.1-22, junho de 2010, p. 15

DAMATTA, Roberto et. al. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: Educação física e futebol**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

DE ALMEIDA, Viritiana Aparecida; DE SOUZA, Nelson Rosário. Trajetória dos argumentos sobre as ações afirmativas: da marcha Zumbi dos Palmares à conferência de durban. **Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 1, ed. 2, ago. 2013.

DE ARAÚJO, Érika Alfaro; FIRMINO, Carolina Bortoleto. Violência contra as mulheres em pauta no jornalismo esportivo do site Dibradoras. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba,SP, v. 49, ed. 023004, p. 1-22, 26 jul. 2023.

DEPESTRE, René. **Saludo y despedida a la negritud**. Em: Manuel Moreni Fragnals (Org.) África em América Latina. México: Siglo XXI, p.337-362, 1977.

DÍAZ, José Félix. Vinicius, tan tranquilo. **Marca**, Madri, 21 set. 2022. Disponível em: <<https://www.marca.com/futbol/real-madrid/2022/09/21/632ac2c9ca47418d778b4574.html>> Acesso em: 24 abr. 2024.

DOS SANTOS, Naiara Ashaia Rodrigues. **O ser negro dentro dos gramados: análise cultural da construção da identidade do atleta negro por meio do jornalismo esportivo**. Orientador: Gerson de Sousa. 2021. 64 p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. [S. l.: s. n.], 1952.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2.ed. São Paulo: Global Editora, 1972. 313 p. ISBN 8526012304, 9788526012301

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FILHO, Mário Leite Rodrigues. **Viagem em torno de Pelé**. Editora do autor, 1963.

GARCÍA-OCHOA, Juan Ignacio. Neymar: "Baila, Vini, baila...". **Marca**, Madri, 16 set. 2022. Disponível em <<https://www.marca.com/futbol/real-madrid/2022/09/16/63242d7fe2704e6c438b4592.html>> Acesso em: 23 abr. 2024.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Entrevista: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra** [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015.

HONORATO, Felipe Antônio; DE FREITAS, Guilherme Silva Pires. Lukaku, Kompany e companhia: Uma análise da "contribuição" congoleza para a formação da "Geração de Ouro" do futebol masculino belga. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 3, ed. 5, p. 122-138, 1 abr. 2020.

HUDEC, Vladimir. **O que é o jornalismo?** essência, características, funções sociais e princípios do seu desenvolvimento. Lisboa: Editorial Caminho, 1980

HUIZINGA, Johan. Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural. In: HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 3-33.

HUMBERTO, Lucas. **Portas fechadas: a homofobia que exclui profissionais LGBT da imprensa esportiva**. 2021. Disponível em: <<https://www.90min.com/pt-BR/posts/portas-fechadas-homofobia-exclui-jornalistas-lgbt-da-imprensa-esportiva-jornalismo>> Acesso em: 15 mar. 2024.

JOYA, Rocío Pérez; MARTÍN, Antonio M. Lozano. La Derecha Radical en Europa y España: Racismo, Xenofobia y Discriminación. **Revista de Cultura de Paz**, Loja, v. 5, p. 1-25, 30 dez. 2021.

KFOURI, Juca. **Confesso que Perdi: Memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KING, Anthony. **The ritualization of athletic contests**. In: ROWE, D.; McKAY, J. (Eds.). Sports and leisure operations management. London: Cassell, 1997. p. 69-83.

LARRALDE, Bruno Velten. **La extrema derecha como fenómeno transnacional: La elección racional y las necesidades insatisfechas**. Barcelona: Editorial Académica Española, 2011.

LIMA, Márcia. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no Governo Lula. **Novos Estudos**, São Paulo, 1 jul. 2010.

LOPES, Lucas Salgueiro. Francisco Carregal: A Trajetória De Um Pioneiro Negro Em Um Clube De Football No Rio De Janeiro. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 13, ed. 2, p. 1-16, 1 dez. 2020.

LUKAKU, Romelu. Tenho algumas coisas a dizer. [Entrevista cedida a] **The Players Tribune**. Londres, 18 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.theplayertribune.com/br/posts/lukaku-carta-tenho-algumas-coisas-a-dizer>> Acesso em: 2 abr. 2024.

MALULY, Luciano. **Jornalismo esportivo: Princípios e técnicas**. 1ª. ed. São Paulo: Sophia de Oliveira, 2017. 150 p.

NEGREIROS, Plínio José L. de C. Futebol e identidade nacional. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997. Ijuí. [**Trabalhos...**] Ijuí: Ed. da UNIJUI, 1997.

NOGUEIRA, Armando. **O Jogo Bonito: A História Oral do Futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PREFÁCIO. In: RODRIGUES FILHO, Mario. **O Sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RINALDI, Wilson. Futebol: Manifestação Cultural e Ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, ed. 1, p. 167-172, 2000.

SALDANHA, Marinho. **Machismo e vítima questionada: como foi cobertura na época do caso de Cuca**. 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/27/como-a-imprensa-cobriu-o-episodio-de-estupro-envolvendo-cuca-na-suica.htm>> Acesso em 15 mar. 2024.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Org.). **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 85-104.

SILVA, Ana Paula. **Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

SILVA JÚNIOR, Hédio. Ação afirmativa para negros(as) nas universidades: a concretização do princípio constitucional da igualdade, in SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília, D.F : INEP, 2003. p. 98 – 114.

SILVEIRA, Nathaly Ely. **Jornalismo Esportivo: conceito e práticas**. 2009.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo, in SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília, D.F : INEP, 2003. p. 21 – 42.

SILVÉRIO, Valter Roberto; TRINIDAD, Cristina Teodoro. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo?. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, ed. 120, p. 891-914, 1 set. 2012.

SOARES, Antônio Jorge G. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDEC/UFES, 1994.

SOUZA, Flaviana de Cerqueira. **Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma Análise dos Programas Globo Esporte e Esporte Espetacular**. 2006. 48 p. Monografia (Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.

TOLEDO, R.P. Contribuições para uma etiologia do pontapé. **Revista Veja**, São Paulo, ano 31, n.22, p.174, 3 jun, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: Teoria e prática. Lisboa: Vega, 2005.

TUBINO, Manoel. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VAZ, Livia Sant'Anna. **Cotas raciais**: feminismos plurais. 1. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2022. 198 p.

ZORZI, José Augusto. **A construção do feriado do Dia da Consciência Negra em Porto Alegre (2001-2019)**: luta e política do reconhecimento. Orientador: Regina Weber. 2019. 207 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.